

Capítulo 10 – Por uma análise da realidade social a partir de um enfoque singular: o destaque conferido aos sujeitos

A nossa vida pessoal é uma realidade insignificante face ao grande progresso humano, mas, por outro lado, não posso deixar de considerar a importância da vida de cada um, medida na história numa perspectiva de roteiro e destino da condição humana.

António Alçada Baptista

O presente capítulo tem como objectivo fundamental analisar duas entrevistas exemplificativas das principais configurações dos processos de identificação dos 50 indivíduos constitutivos da nossa amostra. Trata-se de procurar compreender as singularidades sociais tendo como pano de fundo a análise desenvolvida até ao momento.

Começámos por equacionar, neste estudo, o campo económico em que o grupo Fasetel se posiciona e, no âmbito deste, centrámo-nos na Electrotensão. No seu interior detivemo-nos sobre determinadas unidades organizacionais, seleccionámos, em função dos objectivos da investigação, um conjunto de actividades de trabalho, constituímos uma amostra de 50 indivíduos e analisámos os seus trajectos profissionais e de aprendizagem, as actividades de trabalho que desempenham e as suas formas e manifestações de identificação no espaço social do trabalho. Perspectivamos, agora, desenvolver uma abordagem focalizada em dois sujeitos. Procuraremos dar conta das suas singularidades e, simultaneamente, contextualizá-las, conferindo-lhes significado sociológico. Preside à nossa investigação o objectivo de “combinar, de forma cognitivamente produtiva, a análise das regularidades e das singularidades sociais” (Costa, 1992, p. 48). Paralelamente, assumiremos um enfoque analítico sobre os discursos dos sujeitos centrado nos mecanismos e processos de atribuição de sentido.

O texto estrutura-se em quatro pontos. No primeiro ponto, problematizaremos o par indivíduo/ sociedade, a importância de uma análise centrada nas significações que os sujeitos atribuem à sua acção e os contornos de uma análise de cariz relacional. O que procuraremos discutir é a forma através da qual a estratégia teórico-metodológica de pesquisa desenvolvida pode constituir uma via explicativa de determinadas singularidades que se inscrevem em regularidades sociais. Apresentaremos, no segundo ponto, os procedimentos técnico-metodológicos accionados na análise das entrevistas. Seguidamente, procederemos à abordagem, propriamente dita, das

entrevistas, a qual é acompanhada de extractos dos discursos dos entrevistados, que fazem prova empírica das relações e considerações por nós explicitadas. O quarto e último ponto deste capítulo será reservado a algumas considerações e reflexões de síntese.

1. Uma perspectiva relacional de análise das singularidades sociais e das práticas de atribuição de sentido

Como já tivemos oportunidade de debater (v. capítulo 1), a análise sociológica dos fenómenos sociais posiciona-se, não raras vezes, em campos teóricos bipolares. Algumas das oposições mais recorrentes dizem respeito ao debate que incide sobre as dicotomias indivíduo/ sociedade, subjectivismo/ objectivismo, estática/ dinâmica e determinismo/ liberdade (Pinto, 1994, p. 160). Trata-se de reflexões, quase genéticas, da Sociologia que, em última análise, radicam na discussão (também de índole filosófica) acerca do livre arbítrio e dos contornos da conduta humana, considerando os constrangimentos estruturais que a determinam ou, inversamente, o facto de ser impermeável a influências exteriores.

A demarcação da Sociologia face à mera "indagação metafísica" (Silva, 1988, p. 61) encontra nos dogmáticos postulados positivistas os marcos necessários. Porém, a concepção positivista da Sociologia não se coaduna com as reflexões de Weber, que considera esta disciplina como "uma ciência que pretende compreender, interpretando, a acção social para dessa maneira explicar a mesma de forma causal no seu desenvolvimento e efeitos" (1983a, p. 5). Para Weber, a Sociologia procura articular a interpretação, a compreensão e a explicação, visando apreender o sentido da acção e estabelecer relações de causalidade, salvaguardando, simultaneamente, a análise da especificidade da conduta humana (Silva, 1988, p. 61). Ou seja, fundamenta-se como uma "ciência cujo objectivo é a análise interpretativa da acção social" (Giddens, 1984, p. 212). A sua prática exige um trabalho de construção racional de conceitos, fundamentais para a análise da realidade social. É neste sentido que Weber propõe a construção dos tipos-ideais. O autor advoga, assim, uma abordagem alternativa à de cariz positivista, assente numa construção conceptual de cariz racionalista.

A partir desta aceção de base, que deve enformar, segundo Weber, o estudo da realidade social, o autor defende a adopção de uma postura compreensiva. A Sociologia deve, deste modo, incidir sobre a análise do significado que os sujeitos

conferem à sua acção. A análise sociológica de raiz weberiana recusa uma concepção reificada e substancialista das estruturas sociais e centra-se nos actores sociais, procurando apreender o sentido que eles atribuem às suas acções. É, desta forma, possível compreender o significado subjacente às acções racionais, ou seja, tornar inteligíveis os motivos conscientemente invocados pelos actores.

A abordagem weberiana tem como importante contributo o facto de destacar a importância dos mecanismos de atribuição de sentido accionados pelos sujeitos face às suas práticas. Todavia, o privilégio analítico concedido ao actor social, diz respeito, apenas, ao sentido intencional da sua acção, não permitindo "prestar a atenção devida a dinâmicas de significação espontaneamente incorporadas nas práticas sociais" (Pinto, 1984a, p. 136). É, deste modo, importante frisar que o sentido intencional da acção que Weber se propõe estudar não abrange o largo espectro da acção não intencional, invocado pelo actor social de forma não consciente. Esta é, frequentemente, mais relevante do ponto de vista da orientação e explicação dos comportamentos individuais. Partilhamos, deste modo, da postura crítica de Pinto à aceção weberiana da atribuição de sentido à acção quando afirma que "a lógica das práticas sociais transcende o cálculo racional dos agentes e (...) exige, como condição primeira, se bem que não exclusiva, a construção de uma rede de relações definidora da sua «verdade objectiva» (estrutural)" (1984b, p. 117).

A análise weberiana é, de qualquer das formas, pioneira na recusa do monopólio teórico-metodológico de estabelecimento das regularidades sociais, sob o argumento de que este não permite, por si só, apreender a especificidade dos comportamentos humanos. Por seu turno, demarca-se, também, "de uma abordagem sociológica inteiramente centrada na interpretação por compreensão da componente subjectiva ou sentido dos fenómenos socioculturais, tomados na sua singularidade ou «individualidade histórica»" (Pinto, 1984a, p. 114). Costa refere, a este propósito, que Weber, na sua obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, também se debruça sobre as regularidades sociais, na medida em que "toma como ponto de partida da pesquisa a verificação de um conjunto de regularidades estatísticas, que mostravam existir, em certas regiões da Europa, uma predominância da confissão protestante entre os indivíduos com actividade empresarial ou com profissões de elevado nível de qualificação" (Costa, 1992, p. 47). Por sua vez, Pinto afirma, no plano metodológico, que, "a partir de Weber, ficou em aberto o caminho para o desenvolvimento de uma tecnologia da pesquisa empírica bem diversa daquela que o paradigma positivista insinuava" (1984b, p. 118).

Torna-se importante referir que, a partir das problematizações de Weber, se desenvolveu uma multiplicidade de perspectivas agrupadas sob a denominação Sociologia compreensiva, que tem o individualismo metodológico como pressuposto de suporte à análise.

O individualismo metodológico, consagrado na postura weberiana, entende o indivíduo como uma entidade auto-referenciada e como a unidade de análise fundamental para a compreensão da realidade social. É abordado, de modo mais detalhado, por Boudon (1989), a partir da crítica ao holismo, ou seja da recusa do pressuposto de que o indivíduo seria um produto das estruturas sociais (Ibidem). Para este autor, é líquido que, se o interesse da Sociologia recai em fenómenos explicáveis pela estrutura do sistema de interacção (no seio da qual se manifestam), o átomo lógico da análise sociológica é o actor social. Nesta perspectiva, a Sociologia não poderá tomar para a sua análise um sujeito inteiramente determinado, análogo a um autómato social. Terá de se referir a um sujeito dotado de uma certa margem de autonomia e de motivações próprias.

Refira-se, ainda, que o individualismo metodológico entende o colectivo como um mero resultado das actividades individuais, através dos efeitos de agregação e de composição entre actores sociais, necessariamente, racionais. Este pressuposto encerra em si dois pontos que merecem a nossa reflexão crítica e que nos conduzem a distanciarmo-nos, claramente, dos pressupostos do individualismo metodológico. Por um lado, negligencia as propriedades estruturais dos fenómenos sociais; por outro, ao afirmar a oposição inequívoca entre indivíduo e sociedade, recusa a análise sociológica centrada nas relações entre os indivíduos. Recusamos, também, uma aceção dos actores sociais como indivíduos que orientam de forma racional e autónoma as suas acções, na medida em que as práticas são socialmente condicionadas e determinadas por um conjunto de condicionantes que as estruturam.

Adoptamos alguns contributos da abordagem de Weber, procurando incorporá-los, em particular na análise das práticas, socialmente condicionadas, de atribuição de sentido. Mais do que discutirmos a ênfase conferida aos actores ou, inversamente, às estruturas sociais (reflexão que já tivemos oportunidade de desenvolver no capítulo1), destacamos aqui as virtualidades de carácter técnico-metodológico da perspectiva weberiana, pelo relevo conferido à análise dos significados que os sujeitos atribuem às suas práticas (materiais e simbólicas). Partilhamos da posição de Silva, quando refere que "o sentido – insista-se: as intenções e as motivações, as representações simbólicas, as referências axiológicas – não constitui uma atribuição individual;

produz-se socialmente, ou seja, na formulação marxista (...) é produzido no quadro dos grupos e das formações sociais a que os agentes pertencem e cuja dinâmica não se subordina aos comportamentos e vontades subjectivos" (1988, p. 100-101).

Consideramos que a abordagem dos fenómenos sociais exige assumir uma perspectiva relacional. Esta é compatível com uma estratégia metodológica assente numa "perspectivação em espiral" (Silva, 1988, p. 82), ou seja, uma óptica de análise que confere centralidade aos discursos dos sujeitos, sem descurar as regularidades sociais que enformam a sua trajectória.

A assunção de uma perspectiva relacional de análise pressupõe convocarmos dois eixos de reflexão: em primeiro lugar, o conceito de *habitus*¹; em segundo lugar, alguns contributos dos trabalhos de Elias (1993a; 1993b) acerca, por um lado, da articulação dos pólos indivíduo/ sociedade e, por outro, da análise de singularidades sociais.

O *habitus* é entendido por Bourdieu como sendo constituído por disposições oriundas das posições sociais (e dos respectivos processos de socialização), apreensíveis nas tomadas de posição, ou seja, nas práticas sociais. Em suma, o *habitus* resulta da confluência de dois processos, a *interiorização da exterioridade* e a *exteriorização da interioridade* (Bourdieu, 2002, p. 163)², que tem subjacente o facto de as estruturas externas, na qualidade de condições materiais de existência, produzirem *habitus*, e de este, por seu turno, estruturar as práticas. (Ibidem). Para Bourdieu (1998), o *habitus*, estando na génese das práticas sociais, é garantia da ilusão da espontaneidade do agente, uma vez que o *habitus* não é vivido conscientemente e o agente pode, deste modo, planear o seu futuro. No entanto, esta planificação inscreve-se num futuro que é contingente com a situação do agente (Ibidem, p. 188).

Nesta linha de raciocínio, o recurso ao conceito de *habitus* terá de assentar no pressuposto da heterogeneidade das disposições de que um sujeito é portador e que é conduzido a mobilizar de modo diverso, em função das esferas sociais em que se posiciona.

¹ V. no capítulo 6 a explicitação mais desenvolvida deste conceito.

² Itálicos do autor, no original.

Adoptamos, deste modo, como referência a problematização do conceito bourdiano de *habitus* para compreender as estruturas que configuram a acção dos sujeitos e a forma como os seus processos de identificação são influenciados por factores (de ordem vária) que ultrapassam a sua vontade individual. No entanto, não nos parece que tal opção seja incompatível com a análise dos processos, socialmente condicionados, de atribuição de sentido. É o próprio Bourdieu e outros investigadores que, na obra *La misère du monde* (1993), abordam um conjunto de transformações da sociedade a partir de testemunhos individuais. Consideramos que os sujeitos se movem em diferentes campos sociais e que detêm repertórios de acção distintos. Trata-se de indivíduos que são, simultaneamente, produto e produtores de relações sociais diversificadas, pelo que importa atender às singularidades presentes nas suas trajectórias, que são, por sua vez, enformadas por regularidades sociais.

O trabalho de Elias constitui, do nosso ponto de vista, um contributo fundamental e complementar ao de Bourdieu. O autor desloca o enfoque analítico do indivíduo e da sociedade para a relação entre ambos os termos de referência e para os seus sistemas de interdependência. De facto, o autor afirma que "tanto o indivíduo como a sociedade são de igual modo inúteis. Uma parte não existe sem a outra" (1993a, p. 28). Deste modo, importa analisar as estruturas e as regularidades sociais nas quais actuam os seres humanos singulares, que não podem ser concebidos isoladamente. Para os compreender, "é necessário romper-se com o pensamento em substâncias singulares isoláveis e fazer-se a ponte para um pensamento em relações e funções" (Elias, 1993a, p. 37)³.

Elias considera central a análise dos modos de relação entre os homens enquanto produtos históricos e, nesse sentido, afirma que, mesmo que se abram, no interior do tecido social, margens de manobra à tomada de decisão individual, não existe nenhuma fórmula universal que nos possa indicar qual a dimensão da margem de decisão individual (1993a, p. 71-72). E concretiza: "é precisamente isto que caracteriza a posição do ser humano singular no seio da sua sociedade, o facto de também o tipo e a dimensão da margem de decisão, que se abre a cada indivíduo, estar dependente da estruturação e da constelação histórica do colectivo humano em que este vive e age" (Ibidem, p. 72).

Esta postura, assumida por Elias, está patente na obra que o autor dedica à análise do génio de Mozart, na qual inter-relaciona, ao longo do texto, os factos que

³ Conforme constata Kaufmann, Elias consolida a posição de que o indivíduo não existe enquanto substância, separado da sociedade, devendo ser encarado como um processo historicamente localizado (2001).

marcaram a vida do músico e as transformações e características da sociedade da época, tendo em conta a sua contextualização espaço-temporal. Neste trabalho, Elias concretiza a sua perspectiva relacional na análise de um percurso singular e descreve a vida do célebre músico contextualizada na sociedade da corte, frisando que é nesta que o génio de Mozart atinge o seu sentido integral. Elias afirma assim: “o destino individual de Mozart, o seu destino como pessoa ímpar e, portanto, também como artista ímpar, foi fortemente influenciado pela sua situação social, pela dependência da aristocracia da corte a que estava sujeito um músico do seu tempo. Por aqui se vê como é difícil tornar compreensíveis para gerações posteriores os problemas da vida de um indivíduo, por mais incomparável que seja a sua pessoa ou a sua obra, na forma, por exemplo, de uma biografia, se não se dominar o ofício do sociólogo” (1993b, p. 21).

Elias demonstra, deste modo, como a trajectória e o génio de Mozart adquirem o seu significado cabal se entendidos no contexto social em que o músico desenvolveu a sua actividade. É, precisamente, este o enfoque que adoptamos, na medida em que consideramos que os trajectos dos sujeitos são condicionados por determinações sociais de ordem vária, pelo que só faz sentido abordá-los numa perspectiva relacional.

As perspectivas de Bourdieu e de Elias complementam-se de um modo extremamente heurístico para a pesquisa sociológica. Como afirma Heinich, “tanto em Bourdieu como em Elias, trata-se assim de realçar a dependência do indivíduo de comportamentos simultaneamente adquiridos e próprios do grupo a que pertence, que não decorrem da livre escolha (não é possível mudar de *habitus* como quem muda de roupa). Mas para Elias, trata-se também, graças a este conceito, de fornecer um meio concreto de contornar a habitual dicotomia entre «indivíduo» e «sociedade», mostrando aquilo que as emoções e as disposições vividas ao nível individual devem a processos colectivos de incorporação, largamente inconscientes” (2001, p. 112).

Pretendemos, neste capítulo, com o recurso à empiria, desenvolver uma abordagem relacional centrada em estudos de caso de dois sujeitos socialmente contextualizados. As práticas materiais e simbólicas não ocorrem no vazio social, mas são constitutivas da acção dos sujeitos, entendidos na sua pertença social e na sua singularidade. Por sua vez, o destaque que conferimos aos discursos dos sujeitos, conduz-nos a salientar os processos, socialmente condicionados, de atribuição de sentido.

2. Os procedimentos e as opções de selecção de duas entrevistas exemplares

2.1. Os critérios de selecção

A partir das considerações teóricas que tecemos no ponto anterior, debruçámo-nos, então, sobre a globalidade dos discursos de dois entrevistados. Ou seja, perspectivamos penetrar no campo de análise das suas manifestações verbais acerca dos processos de identificação, atendendo às categorias produzidas pelos sujeitos e valorizando as modalidades de verbalização a partir das quais eles exprimem a sua visão de si e dos outros e de si pelos outros. Trata-se, igualmente, de “avaliar a natureza e o grau de coerência, a natureza e o grau de heterogeneidade do património individual de disposições” (Lahire, 2002, p. 35).

A concretização deste propósito conduziu à inevitável necessidade de reduzir a dimensão do número de entrevistas a considerar. A partir do conjunto dos 50 entrevistados, e tendo em conta os objectivos deste trabalho, procedemos à selecção de dois, tendo por base três critérios, a saber: a selecção de algumas variáveis de cariz objectivo de caracterização dos sujeitos; as características do conteúdo das entrevistas ao nível, em particular, da sua representatividade para a explicação dos processos de identificação; a riqueza e inteligibilidade dos discursos produzidos.

Vejamos então, com mais pormenor, como constituímos e aplicámos estes três critérios de selecção.

No âmbito do primeiro critério, seleccionámos um conjunto de variáveis de cariz objectivo de caracterização dos sujeitos⁴, a partir do qual identificámos e distribuimos os 50 entrevistados num espaço compreendido entre dois pólos. Grosso modo, podemos caracterizar os dois extremos da seguinte forma: de um lado, os trabalhadores mais velhos, mais experientes e menos escolarizados, que realizam actividades de trabalho mais complexas e apresentam indícios de uma atitude de maior resignação face à vida; do outro lado, os indivíduos mais novos, menos experientes e mais escolarizados, que realizam actividades de trabalho menos complexas e que assumem uma atitude mais crítica face à vida e à empresa.

A selecção dos entrevistados foi também condicionada por segundo critério: a representatividade e polaridade dos tipos de processos de identificação constantes no

⁴ As variáveis de cariz objectivo de caracterização dos sujeitos são: a idade, o nível de escolaridade, a antiguidade na empresa, a profissão, o tipo de actividade de trabalho, o tipo de trabalhador, a direcção e o sector da direcção onde exerce a sua actividade e os tipos de trajectória profissional externa, interna e de aprendizagem formal interna. A análise que realizámos ao longo do trabalho permite compreender os critérios de selecção destas variáveis, pelo que nos coibimos aqui de os repetir.

conjunto dos 50 entrevistados. Se, como já referimos em capítulos anteriores, a dimensão da amostra e a multiplicidade de dimensões de análise inviabilizou uma tipificação final única dos processos de identificação, torna-se agora possível fazê-lo com dois sujeitos. Impõe-se, portanto, que as duas entrevistas escolhidas ilustrem as diferenças e a oposição entre dois tipos de processos de identificação e, concomitantemente, sejam exemplificativas das formas e manifestações de identificação presentes na população estudada. Com este critério conseguimos articular duas dimensões não hierarquizáveis – a representatividade e a polaridade –, já que entendemos que não existe uma sobreposição de uma sobre a outra. Seleccionámos, portanto, duas entrevistas exemplares cujos sujeitos se posicionam em pólos opostos, pois estamos perante uma representatividade ao nível teórico e não de cariz estatístico, o que confere pertinência e sentido à opção tomada⁵.

Finalmente, considerámos os discursos dos sujeitos em si como o terceiro critério de selecção das entrevistas. Neste sentido, valorizam-se, por um lado, as entrevistas que permitem analisar, de modo integral, o discurso produzido (por referência aos objectivos deste trabalho) e, por outro, aquelas cuja riqueza discursiva permite, de modo contextualizado, apresentar ao leitor extractos que sejam compreensíveis e suficientemente ilustrativos da análise por nós realizada e explicitada.

A selecção das duas entrevistas não decorreu de forma linear. Resultou de avanços e recuos, com momentos de hesitação que, ao invés de fragilizarem a opção realizada, a consolidaram, pois obrigaram a um trabalho acrescido de reflexão e ponderação. Este implicou o accionamento de um conjunto de procedimentos, os quais, ainda que morosos, foram inevitáveis para a prossecução do objectivo deste capítulo: explicar algumas singularidades que caracterizam as formas e manifestações de identificação no espaço social de trabalho a partir dos discursos produzidos por dois entrevistados.

⁵ O leitor pode, de alguma forma, daqui inferir as posições intermédias, o que não implica efectuar um exercício desprovido de informação de base; inversamente, assenta em toda a explicitação a que procedemos ao longo do trabalho, em particular no capítulo 9.

2.2. Os entrevistados seleccionados

A partir dos critérios de selecção, chegámos à identificação de dois entrevistados: o entrevistado número 21 e o entrevistado número 32⁶. A constante referência a estes indivíduos ao longo das próximas páginas, convida-nos a ultrapassar a aleatória e impessoal denominação numérica e a personalizar um pouco a nossa análise, atribuindo-lhes nomes fictícios. Assim, é das entrevistas de Pedro e de António, respectivamente, que nos ocuparemos em seguida.

Detenhamo-nos, desde já, numa leitura comparada das variáveis de cariz objectivo para os dois entrevistados, que é reveladora de traços e percursos educativos e profissionais bastante distintos entre si.

Quadro 10.1

Comparação das variáveis de cariz objectivo de caracterização de Pedro e de António

Entrevistados	PEDRO	ANTÓNIO
Variáveis de caracterização		
Idade	25 anos	48 anos
Nível de escolaridade	Ensino secundário	2º ciclo do ensino básico
Antiguidade na empresa	7 anos	35 anos
Profissão	Electricista montador	Serralheiro soldador
Actividade de trabalho	Montagem e ligação	Montagem e soldadura
Tipo de trabalhador	Não estratégico	Estratégico
Direcção	Transformadores de Potência	Transformadores de Distribuição
Sector da direcção	Formação de Fases	Fabricação de Chaparia
Tipo de trajectória profissional externa	Descontínua e indiferenciada	Descontínua e indiferenciada
Tipo de trajectória profissional interna	Focalizada em progressão	Focalizada e estabilizada
Tipo de trajectória de aprendizagem formal interna	Diversificada de renovação	Focalizada de aquisição e sensibilização

Tracemos, então, um primeiro panorama de caracterização e confronto dos dois sujeitos.

Registe-se, desde logo, a distância cronológica de 23 anos entre os indivíduos e a correspondente e compreensível diferença de 28 anos relativamente à antiguidade na empresa e à idade de acesso ao mercado de trabalho. Os sujeitos detêm, igualmente, níveis de escolaridade desiguais (ensino secundário para Pedro e segundo ciclo do ensino básico para António), os quais são pautados pelo processo

⁶ Um confronto dos dois entrevistados, bem como dos restantes, do ponto de vista das variáveis de cariz objectivo referidas, pode ser realizado a partir de uma grelha que elaborámos e que apresentámos no anexo O.

histórico de retardamento do acesso dos jovens ao mercado de trabalho e de elevação do nível mínimo de escolaridade obrigatória.

As experiências profissionais prévias à entrada na empresa foram, para ambos os sujeitos, bastante limitadas e tiveram lugar em actividades de trabalho de natureza bem diversa da presentemente desempenhada. Já no interior da empresa, António, para além da sua trajectória mais longa, é classificado pelos seus superiores hierárquicos como um trabalhador estratégico, o que se reflecte no grau de complexidade da actividade de trabalho desenvolvida. Este é superior ao da desempenhada por Pedro, para além de este último não ser considerado um trabalhador estratégico, ou seja, de o seu contributo para a empresa não ser encarado como fundamental. Temos, assim, uma pertença distinta no interior do segmento primário do mercado interno de trabalho, a qual se prende, fundamentalmente, com o desempenho do trabalho.

A propósito da polaridade dos dois casos em análise, note-se que não pretendemos enquadrar o discurso dos entrevistados em categorias rígidas e campos necessariamente opostos. Mas a distinção é clara. Por vezes, mesmo quando os discursos dos entrevistados se aproximam, é possível identificar formas e manifestações de distanciamento. A análise das entrevistas como um todo permite evidenciar alguns traços mais globais relativamente a visões do mundo e atitudes face ao exterior. Não se eliminam as contradições e heterogeneidades presentes nos discursos, mas identificam-se os seus elementos mais recorrentes e estruturadores.

Em suma, as opções metodológicas tomadas têm como objectivo fundamental clarificar os processos de identificação no espaço social do trabalho a partir dos discursos produzidos pelos entrevistados.

Consideramos que os discursos não valem por si só. A leitura e análise das entrevistas implicam penetrar nos universos de sentido que transcendem os próprios sujeitos, pois são legados sociais, adquiridos a partir de processos mais ou menos longos e mais ou menos duradouros de inculcação. Não deixamos, contudo de estar perante sujeitos produtores de mecanismos de atribuição de sentido singulares, necessariamente. É nesta dupla orientação que são equacionados os processos sociais de atribuição de sentido e se torna possível considerar heurística a via sociológica de análise a partir dos discursos produzidos pelos sujeitos.

3. Os contornos dos processos de identificação de Pedro e de António

3.1. A lógica analítica

Como explicitámos nos capítulos 8 e 9, a abordagem das formas e manifestações de identificação no espaço social do trabalho estruturou-se em torno de quatro vectores explicativos: as dinâmicas de interacção, as manifestações de pertença (de identificação e distinção), os processos e mecanismos de auto e hetero-atribuição de sentido e os projectos e aspirações (v. capítulos 8 e 9). Procuraremos, agora, secundarizar, até onde for possível, o “espartilho” tipológico construído ao longo da pesquisa, articulando as conclusões a que chegámos com a análise dos significados atribuídos pelos sujeitos. A centralidade analítica concedida aos discursos dos sujeitos tem como pressuposto o entendimento da trajectória social do sujeito como singular e única, mas, que é, necessariamente, marcada por constrangimentos estruturais de ordem diversa.

Note-se que nenhuma das dimensões existe de forma isolada, nem poderá reivindicar a exclusividade dos elementos a si atribuídos; elas interligam-se, misturam-se e contradizem-se segundo um determinado sentido, só perceptível no seu conjunto. Se para os 50 sujeitos procedemos a uma análise dos discursos baseada, genericamente, num trabalho de categorização, levamos, agora, a cabo uma abordagem integrada. É, pois, neste ponto, que a investigação se encontra: uma fase em que secundarizamos o exercício de construção de categorizações e de tipologias e procuramos palmilhar os trilhos de sentido e de significação presentes no discurso dos entrevistados, entendidos na íntegra. Neste sentido, partimos das categorizações gerais para encontrarmos as especificidades. Se o primeiro exercício analítico foi no sentido de encontrar grandes linhas de convergência para subconjuntos de indivíduos, procuramos, aqui, atender às variações individuais. Todavia, não deixamos de efectuar, no final deste capítulo, uma nova categorização, apontando os traços genéricos de caracterização dos dois casos como sendo ilustrativos de duas tendências predominantes na amostra dos 50 entrevistados, se não, mesmo, dos 188 constitutivos do nosso universo.

A abordagem que realizamos neste capítulo é, necessariamente, limitada. Não nos permite perceber, de forma cabal, o reflexo das regularidades sociais nos discursos e trajectórias sociais dos sujeitos. Este percurso e objectivos analíticos foram por nós já trilhados e atingidos em capítulos anteriores. Trata-se, aqui, de

descer a um nível ainda mais micro para abordar vias explicativas a partir da análise de singularidades sociais. De algum modo, todo o trabalho explicitado nos capítulos anteriores, em que nos detivemos em diferentes eixos da problemática que enformam a investigação (ver, em particular, os capítulos 6, 7, 8 e 9), têm como suporte empírico um caso singular: uma amostra de 50 trabalhadores de uma empresa situada na Região Norte de Portugal. Estamos sempre no plano do estudo de casos, opção teórico-metodológica fundamental, se atendermos ao objecto de análise de que nos ocupamos nesta pesquisa.

Estruturámos a apresentação da análise realizada com base nas entrevistas de Pedro e de António em quatro grandes áreas temáticas. A primeira diz respeito às formas de identificação com a empresa e aos projectos e aspirações profissionais dos entrevistados no seu interior. A segunda incide nas manifestações de identificação com a equipa e direcção onde desempenham o seu trabalho e, nestes, abordamos as dinâmicas de interacção. Estes dois eixos são constitutivos da empresa enquanto espaço de identificação. O terceiro tema é relativo à profissão e à avaliação da adequação dos saberes necessários para o exercício da profissão em causa, bem como à apropriação, por parte dos entrevistados, de algumas classificações sociais relevantes. Finalmente, a última área temática é dedicada à explicitação de dimensões significativas presentes nas entrevistas e que escapam às esferas inicialmente construídas e explicitadas no capítulo anterior. O estudo de um conjunto alargado de entrevistas exige uma padronização que se traduz, necessariamente, numa abordagem enformada pelos objectivos e domínios de análise teoricamente definidos. Ao incidirmos em duas entrevistas, torna-se possível reabilitar outras dimensões mais específicas e destacadas por cada um dos entrevistados.

À semelhança dos capítulos anteriores, a análise dos discursos dos entrevistados é acompanhada por quadros, contendo extractos ilustrativos das entrevistas.

Toda a análise se estrutura em torno de espaços sociais de identificação, a saber: a empresa, a equipa e direcção e a profissão.

A leitura das partes das entrevistas que seleccionámos é, do nosso ponto de vista, extremamente importante para a compreensão da análise realizada. As palavras, expressões e histórias dos sujeitos são francamente elucidativas do sentido que eles atribuem às práticas sociais. Conferir aos discursos a primazia no corpo do texto constitui, na nossa perspectiva, uma opção basilar. Apresentar as entrevistas na

íntegra pareceu-nos não constituir a melhor opção, na medida em que acabaria por resultar numa leitura sem coordenadas teóricas. Se esta opção, por um lado, pode contemplar algum enviesamento, devido ao facto de termos sido nós que seleccionámos as partes dos discursos, por outro lado, permite que o texto seja estruturado em função das dimensões de análise⁷.

3.2. As dimensões estruturadoras dos discursos

3.2.1. As formas e manifestações de identificação com a empresa: entre a estabilidade e a progressão

O grupo subjectivo de pertença é, por ambos os sujeitos, identificado com a empresa. A entrada na empresa ocorreu num contexto de relativa informalidade, ou seja, foi orientada pelas redes de sociabilidade dos trabalhadores ou dos seus familiares, e a empresa foi-se constituindo, ao longo dos anos de trabalho, como um importante referencial de pertença.

A pertença à empresa é encarada com orgulho, pela sua imagem de prestígio e pela sua elevada dimensão. Encontramos nos discursos dos sujeitos a comparação entre a empresa e a família, na qual todos contribuem, com o seu trabalho, para os resultados finais visados. Ressalve-se, no entanto, que, se para Pedro, esses resultados têm uma vertente económica, isto é, relacionam-se com o contributo nevrálgico do trabalho do sujeito e os produtos da sua direcção para os resultados financeiros da empresa, já para António, os resultados finais são importantes pela materialidade em si do componente produzido: a cuba do transformador. As manifestações de pertença à empresa, para Pedro, estão, também, nitidamente associadas à estabilidade e à segurança no emprego e às possibilidades de progressão profissional que a empresa pode proporcionar. Para António, é o ambiente humano de trabalho que assume uma importância significativa.

Um outro indicador de pertença à empresa é o da relação que os entrevistados mantêm com a sua administração; a ausência de contacto manifestada por Pedro contrapõe-se a um contacto esporádico por parte de António. O primeiro frisa que não conhece a administração, reforçando que apenas identifica os seus elementos por fotografia, o que ilustra a distância mantida entre o sujeito e os dirigentes de topo, bem

⁷ Os extractos são acompanhados pela explicitação, de forma lateral aos quadros, das temáticas e expressões-chave que sobressaem nos discursos, o que faculta, igualmente, um confronto entre os dois entrevistados.

como a manifestação de uma atitude crítica face à política de gestão. O segundo também exprime algumas críticas, mas com contornos claramente distintos. Recorda, saudosamente, os tempos em que os dirigentes de topo se deslocavam à zona oficial para cumprimentar os trabalhadores, bem como os momentos simbólicos de atribuição de prémios pelas sugestões apresentadas. Este tipo de práticas já não se verifica na actualidade, o que é encarado com pesar por António. Está, portanto, presente nas afirmações dos sujeitos uma atitude diferente relativamente à importância atribuída ao contacto com a administração da empresa: Pedro manifesta uma atitude de indiferença, ao passo que António, ao valorizá-lo, se manifesta pesaroso perante a sua ausência.

No que diz respeito às atitudes face à história e ao futuro da empresa, os discursos dos sujeitos distanciam-se consideravelmente. Devido, possivelmente, à reduzida antiguidade, Pedro não identifica, nem recorda qualquer episódio marcante da história da empresa, mas manifesta um claro interesse pelo seu futuro. Todo o discurso do entrevistado é bastante orientado por um vector prospectivo, que se traduz, nomeadamente, em aspirações de progressão profissional futura na empresa, o que se afigura como mais facilmente concretizável se o sujeito aprender um conjunto de saberes adicionais, modificando, deste modo, o conteúdo da sua qualificação. É seguindo este raciocínio que Pedro manifesta as suas intenções de prosseguir os estudos ao nível do ensino superior. Neste contexto, em que o futuro surge como um horizonte de concretização de objectivos pessoais, indissociáveis da empresa, compreende-se a abordagem de Pedro quando traça o panorama futuro da mesma. É na Electrotensão que o entrevistado encontra, efectivamente, as condições objectivas de concretização dos seus projectos profissionais. Paralelamente, frisa a integração da empresa nas dinâmicas da globalização.

A ordem das preocupações assume uma lógica diferente para António. O indivíduo refere, sucintamente, o seu futuro na empresa, não o explorando de forma significativa, possivelmente por não perspectivar encetar mudanças significativas na sua actividade de trabalho, nem na sua trajectória profissional. É a referência ao passado da empresa que marca bastante mais o sujeito, manifestando-se, nomeadamente, acerca das mudanças políticas ocorridas em Portugal aquando do 25 de Abril de 1974 e de algumas regalias oferecidas pela Electrotensão, no passado, tais como a organização de convívios e de actividades de lazer e o premiar de carreiras e de sugestões. Neste sentido, as aspirações de mudança profissional são relativas à execução de serviços um pouco mais “limpos” e “leves” do ponto de vista

do esforço físico. No entanto, como veremos mais adiante quando abordarmos a identificação com a profissão, esta manifestação de desejo de mudança não encerra, em si, a disposição real de efectuar outra actividade de trabalho; reflecte, antes, algum cansaço pelo esforço que a actual actividade de trabalho exige, atendendo, igualmente, às condições ambientais em que o respectivo exercício tem lugar.

Vejamos, então, como se manifestam os sujeitos relativamente a esta esfera de identificação.

Quadro 10.2

Extractos ilustrativos das manifestações de identificação com a empresa

	PEDRO	ANTÓNIO	
<i>Prestígio da empresa</i>	entrevistadora (e): Gosta de trabalhar aqui?	e: Gosta de trabalhar na Electro? E: Gosto. Gosto muito. Não sou daqueles que digo que quando entrei para aqui antes tivesse partido uma perna. e: O que é que o motiva, então? E: Quer dizer, para além do ambiente de trabalho, temos todos uma boa e significativa liberdade de nos podermos exprimir, quando nos sentimos mal com alguma coisa que nos incomoda. Há uma boa camaradagem, portanto. Isso é o que eu digo muitas vezes aos meus colegas: "se cada um tiver a felicidade de estar a fazer aquilo que gosta, não só é bom para ele, como é bom para a empresa". (...)	<i>Ambiente humano de trabalho</i>
<i>Perspectivas de progressão profissional</i>	Entrevistado (E): Gosto, porque isto é uma grande empresa e acho que é sempre um orgulho trabalhar numa grande empresa portuguesa, acho que é motivo de orgulho. e: Portanto, era-lhe indiferente trabalhar na Electro ou noutra empresa qualquer? E: Se calhar, sim. Sim, mas a Electro é uma grande empresa! e: Mas há outras grandes empresas. E: Há outras grandes empresas. e: Portanto, não mudaria facilmente de emprego? E: Dependia das condições. e: Das condições... E: Não, mas na Electro, eu acho que posso progredir aqui dentro. e: Alguém lhe deu essas perspectivas, de progredir aqui? E: Não, é pelo que eu observo. Eu já vi colegas a subir, aqui dentro, a serem promovidos. e: Trabalharam consigo? E: Sim, trabalharam, não directamente comigo, mas trabalharam perto de mim. e: Na fábrica? E: Sim. Estavam a estudar e foi-lhes dada a oportunidade de subir e eles também estavam a estudar e também lhes foi dada a oportunidade, por isso, também posso ter sorte.	e: Era-lhe indiferente trabalhar aqui na Electro ou noutra empresa qualquer? Se fizesse a mesma coisa? E: Se fizer a mesma coisa, para mim é indiferente. Agora, se fosse um dia para outro sítio qualquer, se tivesse, por exemplo, de sair daqui por imposição, digamos assim, se a Electro, por qualquer razão dissesse assim: "ó pá, o teu sector vai fechar, eu garanto-te emprego, mas vais trabalhar para a Y, vais fazer, na mesma, cubas de postes, os colegas vão ser diferentes, os chefes vão ser diferentes". Estou convencido que, se fosse o mesmo serviço, não teria grandes dificuldades. Agora, se os chefes fossem diferentes, os colegas diferentes e o serviço fosse completamente diferente, aí ia sentir dificuldades, não me ia sentir muito bem.	

O grupo subjectivo de pertença: a empresa como uma família

PEDRO	ANTÓNIO
<p>e: Sente que faz parte de um grupo no interior da empresa? E: Faço. A Electro é uma grande família. e: O grupo para si é a Electro? E: Sim. e: Toda a Electro? E: Nós trabalhamos todos para o mesmo. Se uma parte falhar, a Electro falha.</p>	<p>e: Sente que faz parte de um grupo no interior da empresa? E: Sim, com certeza que sim. e: Que grupo é esse? E: O grupo de Electro, digamos assim, e acho que eles sem mim iriam ter algumas dificuldades, também, acho eu que faço bem parte desse grupo. e: O que é que identifica as pessoas umas com as outras, o que é que as aproxima? E: O que as aproxima é o trabalho que fazem, que cada um faz e que todo ele, depois de feito, enfim, é o que compõe a Electro. e: E isso diferencia em relação a outros grupos? E: Com certeza. e: A quê? E: Mesmo dentro desta, o grupo da Electro, pronto, eu considero o grupo da Electro, vamos lá ver. Há um grupo, que é o que está à frente, digamos assim, que é o que elabora, o projectista, que é o que faz o desenho, que faz os planos; depois há o grupo mais do meio, que seremos nós, que fazemos o trabalho em si; e há o grupo da retaguarda, que é o que instala no cliente, instala na rua. Eu, desses três grupos, não sei qual deles é o que se evidencia mais, mas acho que os três fazem parte, todos eles, acho que não há nenhum com mais evidência, cada um no seu lugar.</p>
<p><i>A relação ausente com os dirigentes de topo</i></p> <p>e: E costuma dar as suas opiniões ao seu chefe? E: Dou às vezes, mas não sou ouvido. Não sei o que é que se passa! e: E à administração? E: Não conheço. Conheço por fotografias, da revista. E às vezes há visitas importantes e lá conheço uma cara de um e lá um colega me diz: "olha aquele é o director".</p>	<p><i>A relação esporádica com os dirigentes de topo</i></p> <p>e: Costuma dar as suas opiniões aos chefes, as suas? E: Com certeza! Partilho, muitas vezes, as minhas opiniões, nas situações. e: E à administração? E: Não, quer dizer, se tenho assim algum relacionamento? Não. e: Não conhece a administração? E: Às vezes converso, ainda há dias recebi um prémio de imaginação, digamos assim.</p>
<p><i>Opinião concreta acerca do futuro da empresa: o peso da globalização</i></p> <p>e Como é que acha que será a Electro no futuro? E: Depende, se eles conseguirem pôr cobro a certas situações acho que tem bom futuro. Mas acho que o futuro da Electro passa por se aliar a alguma empresa grande, como se fala aí na Z. Vamos lá a ver. Porque há muita competição neste tipo de negócio e acho que nós agora estamos a globalizar e acho que a Electro tem que ir pelo mesmo caminho. Tanto é que nós estamos a criar empresas lá fora no estrangeiro. Criámos uma fábrica na China e outras.</p>	<p><i>Opinião vaga acerca do futuro da empresa</i></p> <p>e: O que é que pensa acerca do futuro da empresa? E: Acho que o futuro, com algumas nuances, com alguns senões, acho que não devemos ser pessimistas, acho que devemos estar optimistas, acho que as coisas... Se nós não estivermos optimistas, se nós, que trabalhamos, não formos optimistas, quem é que vai ser?</p>

O grupo subjectivo de pertença: a empresa como um espaço profissional

A relação esporádica com os dirigentes de topo

Opinião vaga acerca do futuro da empresa

*A parca
memória*

PEDRO	ANTÓNIO
<p>e: Daquilo que sabe da Electro e o que viveu aqui dentro, há alguns momentos da história da Electro de que tenha memória? E: Não.</p>	<p>e: Em relação à história da Electro. Há momentos da história da Electro que se lembre? E: Tenho alguns. Olhe, eu não vivi propriamente essa situação, mas acompanhei-a, já era funcionário da Electro, já cá estava, e nunca achei muita graça à questão do operário, e, digamos, acompanhei o sequestro do director, aqui por umas reivindicações que fizeram, antes do 25 de Abril. O meu irmão fez parte desse grupo, esteve envolvido, contra o regime e ele fez parte desse grupinho de sequestro, passei aqui uma noite também, embora hoje ele esteja arrependido, são as tais atitudes que se tomam, irreflectidas, devido à idade, é aquela influência, a gente queria era uma guerrazinha, lembro-me perfeitamente, desse período. (...) Lembra-me de alguma aflição em termos financeiros, de um indivíduo chegar ao fim do mês e não haver dinheiro, embora, nestes anos todos, isso tenha acontecido uma vez ou duas, quer dizer, suspeitávamos que isso pudesse vir a acontecer, mas nunca aconteceu, felizmente. (...) Sim, tenho outros quando, por exemplo, tínhamos o privilégio, como trabalhadores da Electro, de guardar os nossos carros cá dentro, e a partir de determinada altura fomos escoraçados, porque não podíamos ter os carros cá dentro. Houve umas suspeitas de que os trabalhadores roubavam. Acho que merecíamos um parque, fechadinho, que não apanhássemos chuva. Temos apanhado aí banhos, nós que vimos da nossa casinha sequinhos, e, para vir trabalhar, temos lá necessidade de chegar lá abaixo e tirar a roupa e pô-la a secar. Mas pronto, aqui isto também faz parte.</p>

*O peso da
memória do
passado*

Estamos, assim, perante dois tipos diferentes de manifestações de identificação com a empresa. A pertença à empresa, para Pedro, relaciona-se, no presente, com um potencial futuro de progressão profissional, o que não deixa de estar associado à importância da Electrotensão no mercado e à correlativa expansão internacional. O discurso de António tende a orientar-se para o passado, para os tempos áureos da empresa e do seu trabalho, tendo dado como terminada a sua progressão profissional no interior da mesma. Trata-se, pois, de dois sujeitos que se opõem no que respeita, respectivamente, a percursos de estabilidade e de progressão profissional, ainda que,

em ambos os casos, a sua configuração dependa das decisões e das respectivas práticas empresariais.

Um breve apontamento acerca dos tipos de discursos produzido pelos sujeitos permite-nos, desde já, identificar algumas diferenças que merecem ser referidas. Assinale-se, desde já, o facto de o discurso de António ser, genericamente, mais longo do que o de Pedro. Uma das razões que poderá estar na base desta diferença é o facto de os sujeitos se exprimirem segundo lógicas distintas. Se António recorre frequentemente a um discurso que remete para atitudes de outros, mostrando o seu ponto de vista indirectamente, já Pedro verbaliza as suas ideias e opiniões num estilo mais directo e assertivo.

3.2.2. A interacção alargada e a eleição de um círculo restrito de convívio no interior da equipa e da direcção

Tal como acabámos de explicitar, a empresa constitui o grupo subjectivo de pertença identificado e conotado positivamente por ambos os sujeitos. Já a pertença à equipa e à direcção suscita manifestações de pendor menos positivo. Os discursos em torno deste domínio de identificação incidem sobre as condições físicas de trabalho e a interacção com as chefias directas e com os colegas de trabalho.

As lacunas ao nível das condições materiais de trabalho são referidas por ambos os entrevistados: Pedro critica, veementemente, a falta de condições de higiene, segurança e organização do trabalho; António inclina-se para a desactualização dos dispositivos técnicos.

Todavia, denotamos traços diferenciados em cada uma das posturas críticas dos sujeitos. Do discurso de Pedro sobressai uma incompreensão face às condições existentes, por força das consequências nefastas que podem ter ao nível da fabricação, em particular no que diz respeito aos parâmetros de qualidade. António exprime o seu descontentamento fazendo referência, igualmente, aos problemas de qualidade dos produtos, mas adopta uma atitude um pouco mais fatalista e céptica face a uma possível mudança.

Pensamos que a explicação destas diferentes posturas deve ser procurada atendendo, por um lado, à idade dos entrevistados, e, por outro, à antiguidade na empresa. Pedro, não só é mais novo, como também trabalha há relativamente pouco tempo na empresa. A permanência prolongada num determinado espaço, por parte de António, concretiza-se numa certa adaptação a determinados modos de estar e de

actuar. Identificam-se lacunas e criticam-se alguns aspectos do funcionamento quotidiano da organização, mas tais disfuncionamentos tendem, progressivamente, a ser assimilados e encarados como próprios da dinâmica organizacional. A reivindicação da mudança dá, assim, lugar a uma acomodação e interiorização de um sentimento de incapacidade de intervenção por parte do sujeito.

A interacção na empresa encontra-se limitada, para Pedro, aos contactos no interior da equipa e direcção onde trabalha, sendo mais incisiva na primeira. Opostamente, António afirma manter relações frequentes com colegas das outras equipas e direcções. Aqui, mais uma vez, avançamos com a antiguidade na empresa como variável explicativa, na medida em que, a permanência num determinado espaço, físico e social durante um prolongado período de tempo, proporciona o desenvolvimento, a sedimentação e a diversificação das redes de sociabilidade. Os relacionamentos exteriores à equipa e direcção são positivamente avaliados por António no que diz respeito ao contacto com os seus pares. No entanto, a comparação com profissões cujo conteúdo de trabalho permite uma laboração mais limpa (a profissão de electricista, em particular), destaca mecanismos de distinção social assinaláveis. De facto, o sujeito atribui muita importância ao modo como apresenta o seu corpo e manifesta algum pesar por essa ser uma dimensão do seu trabalho que não controla – a sujidade inscrita na sua roupa de trabalho – e que o distingue de todos os que desempenham actividades mais limpas⁸.

A relação com as chefias, circunscrita, para ambos os sujeitos, à actividade de trabalho, é caracterizada criticamente, uma vez que aquelas mantêm um escasso contacto com os trabalhadores, por não terem brio profissional e por desconhecerem as situações reais de trabalho. O decréscimo da qualidade da produção e a má imagem externa da direcção constituem também factores que contribuem para qualificar negativamente a pertença a ela. Porém, a relação estabelecida é claramente diferente: António afirma que o seu actual chefe foi seu “colega de bancada” e, apesar de apontar algumas críticas à ausência de comunicação e à não auscultação de alguns trabalhadores nos processos de tomada de decisão, considera que são situações irreversíveis, na medida em que sempre foi assim. Portanto, não se denota no discurso do sujeito uma crítica clara à autoridade, nem a contestação das decisões

⁸ Como veremos mais adiante a propósito da identificação com a profissão, António designa os electricistas como “sábios”, o que, de algum modo, se associa ao trabalho intelectual – limpo –, enquanto os serralheiros são “artistas”, ou seja, profissionais que criam uma obra, o que remete para a natureza do seu trabalho – manual e “sujo”.

tomadas. Apenas se sente um pouco desconsiderado por não ser informado pelo seu chefe.

As críticas aos superiores hierárquicos directos são bastante mais incisivas no caso de Pedro. Trata-se de um indivíduo mais escolarizado, com uma perspectiva face ao trabalho e à profissão claramente diferente, o que o conduz a manifestar-se criticamente perante o desempenho do seu chefe. Pedro não assume, como António, uma postura de não questionamento dos superiores hierárquicos directos, por força de estes ocuparem uma posição hierárquica superior que lhes legitima o exercício da autoridade. Aponta, durante a entrevista, algumas críticas ao próprio saber profissional do seu chefe, identificando situações em que este não domina determinados procedimentos e recorre a outros colegas para as esclarecer.

As atitudes dos entrevistados face às chefias directas denotam, assim, diferentes níveis de expectativas que radicam em concepções distintas da organização do trabalho e da distribuição do poder e do saber. A integração precoce de António na empresa enquadrava-se num modelo de aprendizagem e de progressão profissional, de certo modo, análogo ao trabalho de ofício, em que as hierarquias desempenhavam um papel preponderante e onde poder e saber constituíam esferas de actuação marcadas por uma relação de isomorfia. Assim, para António, o cargo formal de chefia directa é, por si só, garante de autoridade, de profissionalismo e, não é, conseqüentemente, contestável. Pedro, inversamente, afirma que o exercício profissional do superior hierárquico directo exige a detenção de um conjunto de saberes, o que, no caso particular da sua chefia, não se verifica. Assim, se António privilegia a dimensão do contacto pessoal como alvo de crítica, afirmando ser pouco informado, Pedro assinala a falta de preparação do seu superior hierárquico directo, considerando, ainda, que o seu trabalho não é devidamente apreciado por ele. Esta ausência de reconhecimento prende-se, também, com uma outra atitude do seu superior hierárquico directo que Pedro não considera legítima: o facto de manifestar preferências pessoais por determinados trabalhadores em detrimento de outros, o que é visível, designadamente, no facto de a chefia destacar, para realizar horas extraordinárias, determinados trabalhadores, acarretando um acréscimo monetário ao rendimento mensal.

Ao contrário dos superiores hierárquicos directos, a relação com os colegas de trabalho não se limita, para ambos os entrevistados às relações de trabalho. Estendendo-se a actividades de lazer exteriores à empresa. Ambos delimitam e enumeram um número restrito de colegas com quem mantêm relações preferenciais,

ou seja, com quem almoçam, com quem se encontram fora do local de trabalho e com quem interagem, cognitivamente, no local de trabalho⁹.

A aparente semelhança de comportamento face aos colegas de trabalho diverge no que toca à sua apreciação. Pedro revela-se extremamente crítico face aos colegas da sua equipa em geral, apontando a falta de camaradagem e de espírito de equipa e um certo desprimor profissional na realização das actividades de trabalho. Aventamos a hipótese de que é a visão relativamente negativa dos colegas de trabalho que poderá estar na base da eleição de um núcleo mais restrito com quem interage e partilha as suas opiniões. É neste conjunto mais circunscrito que Pedro se insere e caracteriza todos os seus membros por orientarem as suas práticas com base em valores de profissionalismo e de colaboração. António, ainda que delimite uma esfera restrita de interacção, assume uma postura mais consensual e conformista e considera satisfatórias as relações de trabalho com os seus colegas.

Quadro 10.3

Extractos ilustrativos das manifestações de identificação com a equipa/ direcção

	PEDRO	ANTÓNIO	
<i>Indiferença face ao enquadramento organizacional</i>	<p>e: O que é que diferencia o TG [Transformadores de Potência] das outras divisões que há aqui?</p> <p>E: Não tenho conhecimentos suficientes para responder.</p>	<p>e: O que é que diferencia o TI [Transformadores de Distribuição] das outras divisões?</p> <p>E: O TI é o TI!</p> <p>e: Ai é? É diferente?</p> <p>E: O TI é diferente, o TI, sei lá, o TI, como TI propriamente dito, esta sigla do TI, não existe há muitos anos. A sigla que eu conheci mais anos foi o FS [Fabricações Soldadas]. O FS, quando se falava do FS na Electro, cuidado com FS! O FS sempre se pautou, digamos assim, por uma união de todos, quer-se dizer, quando se fazia qualquer coisa, estávamos todos muito unidos; quando se discutia qualquer coisa era sempre a pensar em todos e não num grupinho isolado, éramos todos por um e um por todos. A partir do momento em que isto foi desmembrado, digamos assim, foi dividido por sectores, cada sector tem a sua sigla, portanto, nós no TI, estou convencido que 90% do pessoal do TI, actualmente, estou a referir-me à parte da oficina, ao TI propriamente dito, que nós desenvolvemos lá em baixo. Todo aquele pavilhão, era todo ele FS. Quando se desmembrou, ficou o MT [Aparelhagem de Média Tensão], TI e TG.</p>	<i>Importância do enquadramento organizacional: as relações profissionais entre pares</i>

⁹ Registe-se que esta atitude não é extensível aos trabalhadores temporários da empresa. Estes são excluídos da esfera de interacção dos sujeitos e descritos como maus profissionais e causadores de um ambiente de trabalho nefasto.

PEDRO	ANTÓNIO
	As coisas complicaram-se, cada um está no seu sector, cada um julga que o seu é melhor, mas se hoje pegássemos no pessoal todo e o reagrupássemos todo numa sigla só, num TI só, estou convencido de que éramos todos os que éramos há 15, 20 atrás. Actualmente cada um puxa a brasa para a sua sardinha, como é evidente, mas estou convencido, apesar de tudo, que somos os FS's que éramos antigamente.
<p><i>Opinião concreta acerca da importância económica da direcção</i></p> <p>e: Qual é a importância do seu sector para os resultados do TG? E: Segundo o que me disseram, o TG durante muitos anos foi o sustento da Electro. Era a secção que dava mais lucro. e: E agora? E: Agora, penso que no ano passado não deu lucro, deu prejuízo, penso que em 90 mil contos e acho que a Electrónica está a dar lucro, está a dar bastante lucro e não sei se a Robótica também estará a dar, não sei.</p>	<p><i>Opinião vaga acerca da importância da direcção</i></p> <p>e: Que importância tem o seu sector para os resultados do TI? E: Acho que temos excelentes resultados, Acho que o TI, em determinada altura, teve um mau bocado. Houve uma altura da vida que o TG é que estava a dar, as outras estavam assim por baixo, o sector dos elevadores...</p>
<p><i>Más condições materiais de trabalho: perda de qualidade do desempenho</i></p> <p><i>Mau desempenho profissional de alguns</i></p> <p><i>Relações internas conflituosas com alguns colegas</i></p> <p>e: Qual é a opinião que tem em relação aos seus colegas de trabalho? E: Acho que se está a perder muita camaradagem. Há uma situação que eu, infelizmente, estou-me a deparar que é: há um trabalho que é decapar, tirar o verniz dos cobres, que, pronto, tem que se usar aquele ácido, aquilo é incomodativo, mesmo com máscara. É feito lá em baixo. E nós, antigamente, quando íamos decapar, decapávamos tudo, limpávamos o transformador e começávamos a ligar. E eu agora tenho-me deparado muitas vezes com: o cobre decapado, cravado e isolado e a ponta ao lado está com o verniz, ou seja, eles decapam, cravam e isolam e não fazem o trabalho todo como se fazia antigamente. Eu quando pego num trabalho, se estou a decapar, decapo logo tudo, porque depois, se decapar ao lado de uma ponta, nós corremos logo o risco, por exemplo, de a sujar. E acho que não há necessidade de sujar o transformador várias vezes. Assim suja-se logo tudo de uma vez e depois limpa-se. E acho que cada vez mais deixam o trabalho incompleto. e: E acha que há falta de camaradagem? E: Acho que começa a haver. Acho que está a implementar aqui muita competição entre colegas e gostam muito de mostrar (é a minha opinião), gostam de mostrar o serviço. e: Mostrar ao chefe? E: Sim. Por exemplo, nós temos as madeiras, que são apertadas ao</p>	<p><i>Más condições materiais de trabalho: consequências nefastas na qualidade dos produtos</i></p> <p><i>Falta de manutenção dos dispositivos técnicos</i></p> <p>e: Durante o trabalho que tem, quais são os principais problemas, imprevistos com que se depara? E: Olhe, tenho reparado que ultimamente, há uns 3, 4 anos a esta parte. Têm acontecido erros demasiados. Erros de fabrico, erros de preparação... No desenho e, por sua vez, isto traz outras profissões por arrasto: traz o indivíduo que está na guilhotina e que corta as coisas conforme vem no plano, depois o indivíduo que está à frente da tal máquina, fura aquilo da maneira que está no plano, e assim sucessivamente. Quando chega à nossa mão (que somos os últimos), é que temos de reparar os erros que vêm de trás. e: Como é que faz? E: Isso tem-nos dado algumas dores de cabeça, tem-me incomodado bastante, porque lá está, não gosto muito, não fui habituado a trabalhar desta maneira; e nós tivemos aqui boas equipas de projectistas e de desenhadores - não quer dizer que agora não tenhamos também. Mas pronto, foram alguns indivíduos embora que deixaram algumas saudades. Temos de ser realistas. Que eram exímios na sua arte, que tinham vaidade naquilo que faziam. Infelizmente, sem querer estar a ser muito crítico, mas nota-se uma certa, leviandade, uma certa desresponsabilidade de algumas pessoas. Não quer dizer que sejam todos. (...)</p>

PEDRO	ANTÓNIO
<p>transformador, muitas vezes eu chego aqui de manhã, as madeiras foram montadas à noite, quando vou a ver as madeiras estão todas desapertadas. O serviço não está concluído, mas está ali o aparato todo. E depois eu tenho que estar a apertar tudo, depois o chefe passa, vê-me a começar o trabalho, depois passado uma hora passa ali, se calhar ainda estou a apertar e para o chefe eu não fiz nada, o outro é que fez, ou seja, eu é que estou a concluir o trabalho dele.</p> <p>e: E não lhe diz?</p> <p>E: Às vezes digo, só que depois, eu se estou sempre, sempre a dizer o mesmo, começo a ser uma pessoa do contra, uma pessoa que estou sempre a falar mal disto e daquilo. É mais uma coisa que está mal, por exemplo, se alguma coisa que está mal, o chefe, normalmente, não comunica, ri-se e nem quer saber. Acho que se eles não tomam medidas drásticas, aquilo acho que vai no mau caminho, a Electro. O meu sector, acho que vai. Está-se a perder muita qualidade.</p> <p>e: Já desde há muito tempo ou é recente?</p> <p>E: Desde que o chefe de fabrico saiu. Porque ele era da velha guarda.</p> <p>e: Isso quando é que foi?</p> <p>E: Foi para ai há 4 anos. Havia rigor. Um rolo de papel isolado não podia cair ao chão e depois, com o passar do tempo, já podia cair ao chão. Agora quase até se pode pisar o isolamento, quando aquilo tem que estar o máximo limpo possível. E já vi colegas que andam com os pés em cima de madeiras de isolantes, que é uma coisa muito grave. Antigamente não havia isso e agora começa, está muito abandalhada e eu chamo a atenção e riem-se na minha cara: "está aqui um puto novo agora a chamar-me à atenção porquê?"</p>	<p>Depois há a parte das máquinas. Eu, por exemplo, trabalho com o mesmo aparelho desde que para aqui vim, desde 77. Entregaram-me um aparelho e é o que eu tenho hoje. Claro que está obsoleto. Uma pessoa minimamente conhecedora da situação chega a essa conclusão, quer dizer, isto é mesmo assim, não é? Nós temos um carro, se não tratarmos dele, se não o levarmos às revisões, o que é que acontece? Em 2 ou 3 anos, o carro está velho. É o que se passa com o meu aparelho. O meu aparelho, que eu me lembre, nunca foi rectificadado, nunca levou assim uma revisãozinha a sério. Leva aquelas revisãozinhas: avariou, quer dizer, queimou um fusível, vem o electricista, quer dizer, as coisas funcionam assim... Avaria com alguma facilidade.</p> <p>(...)</p> <p>Uma empresa destas, onde devia ter um bocado de qualidade para corresponder à verdade, não é bem assim que se passam as coisas. A Electro está qualificada na ISO 9001, que é o topo de gama, mas isso não corresponde à verdade. Temos de ser realistas, que há aqui coisas que não estão bem. Nem numa oficinazita lá fora, as coisas funcionam assim. Temos que ser realista, que nalgumas coisas o sistema está a falhar. Mas, o que é que se há-de fazer? Eles dizem que o dinheiro não chega para tudo. Há quantos anos eles dizem isto. Não há dinheiro! É o que eles dizem, para nos remediarmos. Eu não acredito que não haja dinheiro. Para as coisas funcionarem, as máquinas também têm de estar a funcionar. Mas é assim.</p>
<p><i>Esfera de interacção restrita</i></p> <p>e: E como é que são as relações entre as restantes pessoas do TG?</p> <p>E: Não temos relações com as pessoas.</p> <p>e: E com outros trabalhadores da Electro também não?</p> <p>E: Não.</p>	<p><i>Esfera de interacção alargada: o peso da antiguidade</i></p> <p>e: E com outros trabalhadores, de outras divisões? Não há, assim, relações com as pessoas?</p> <p>E: Há. Tenho boas, tenho bons colegas, desde administrativos a colegas da limpeza, pronto, tenho bons conhecimentos, muitos amigos que cá tenho.</p>

A crítica ao enquadramento directo: falta de saber e preferências pessoais

"Um chefe se faz de um toco de vassoura"

PEDRO	ANTÓNIO
<p>e: Há outro tipo de problemas para além desse?</p> <p>E: Há. Há falta de comunicação, com o chefe. Falta de comunicação com as chefias.</p> <p>e: Isso que tipo de consequências é que tem?</p> <p>E: Desânimo. E depois também vejo outros colegas que eu acho que são profissionais excelentes e são preteridos em relação a outros. E, pronto, esses, lá por serem amigos, ou por se darem melhor com o chefe, conseguem ter ali dentro outro estatuto. E eu também, se calhar, sofro essas consequências.</p> <p>e: Qual é a opinião que tem acerca dele?</p> <p>E: O meu chefe é aquele tipo de pessoa que se dá muito bem com algumas pessoas e esses é que são as pessoas que sabem, são essas as pessoas que trabalham. Claro que eles também trabalham não é? Mas, pronto, eles fazem coisas que eu nunca faria! Como pôr a minha família em segundo plano, que isso é uma coisa que eu nunca faria. As minhas férias são as minhas férias! E entre outras coisas. Acho que o chefe precisava de saber o que é um transformador Core. Nós às vezes temos uma dúvida, perguntamos-lhe e ele não sabe e vai perguntar a alguém.</p> <p>e: E antes dele?</p> <p>E: Era igual.</p> <p>e: Então porque é que acha que mantêm estes chefes?</p> <p>E: Não sei, isto, conta-se que houve aí uma célebre frase de um director: "um chefe se faz de um toco de vassoura"! E se calhar, penso que é isso. Esse A [o chefe actual] era um colega. Naquela altura, eles saíam às 5:24 da tarde e às 3:30 da tarde chegava o turno da noite. Ele às 3:30 arrumava a ferramenta, fechava o carro e ia fumar e esperar a hora de saída. Fazia isso muitas vezes. E mandavam-no para serviços que ele não gostava, fazia o mínimo possível. E eu penso que se calhar viram ali uma oportunidade de tirarem um elemento que estava a desestabilizar um bocado, a criar vícios. E depois, quando ele passou a chefe, mudou, fez uma volta de 180 graus. Ele é chefe, tem que mostrar autoridade, mas as pessoas de quem ele falava muito mal tornaram-se os grandes amigos dele. Porque também são aquelas pessoas que se for preciso vir trabalhar no Domingo, vêm trabalhar ao Domingo.</p>	<p>e: Como é tem conhecimento das decisões que a empresa toma?</p> <p>E: Normalmente, as decisões que são tomadas pela empresa, primeiro dão a saber à chefia. Normalmente, quando há assuntos que digam respeito à empresa, os trabalhadores nunca são consultados. Essa tarefa são os chefes que tomam e depois vão-nos dando conhecimento. Também é uma coisa que me entristece um bocadinho, porque já tenho alguns anos disto e também gostava, por exemplo, de o meu chefe chegar à minha beira e conversar. Nós a conversar é que tiramos ideias, não é? Nesta casa, a verdade também seja dita, as coisas nunca funcionaram assim tão bem, nesse capítulo. Nós, normalmente, vimos a saber as coisas até nem é pelos directos, é pelos indirectos. Pode ser uma falha da nossa parte. Também nós não temos o à vontade com o nosso chefe, também pode ser um bocado isso. Mas eles também podem chegar à nossa beira: "Ó pá, nós hoje tivemos uma reunião, tens que ter mais cuidado, as coisas estão a funcionar assim e deviam funcionar assado". Também podiam ser assim mais, pôr-nos ao corrente, não há esse diálogo, digamos assim, verdade seja dita. Nós, alguma coisa que sabemos, é extra colegas da mesma secção.</p> <p>Normalmente conversamos uns com os outros ao almoço: "ó pá, o que é que se passa com o TI?" "É isto, assim e assim". Normalmente são colegas de outra secção, de outras divisões.</p> <p>(...)</p> <p>e: Qual é a opinião que tem acerca do seu chefe? Ou dos seus chefes?</p> <p>E: Tenho boa opinião, acho que, pronto, devia haver um diálogo mais acentuado, eles deviam ter a preocupação de nos informar de como as coisas estão. Eu acho que há da parte deles um certo... Não sei se será a frase correcta, um certo acanhamento de nos pôr ao corrente, talvez porque a gente tenha pouca formação académica. E de não interpretarmos as coisas da melhor maneira, depois podemos, devido à má formação académica que temos, até em conversa na cantina, ou noutro lado qualquer, dizer coisas que às vezes até nem correspondem à verdade. Acho que há da parte deles um certo retraimento. Para além disso, acho que não, que são bons colegas de trabalho.</p>

A crítica ao enquadramento directo: falta de comunicação e de informação

Interação com um ciclo restrito de colegas

PEDRO	ANTÓNIO
<p>e: E em relação às pessoas, Pedro, quais são as pessoas com quem tem de trabalhar sempre e directamente?</p> <p>E: Pronto, eu todos os dias trabalho com o A, porque entramos no mesmo horário e o B agora também começa a entrar, também começou esta semana a entrar no nosso horário. E depois tem o C e o D que têm turno rotativo. Uma semana trabalham de manhã no meu horário, outra semana trabalham no turno da noite.</p> <p>e: É com elas que costuma conviver mais frequentemente aqui na empresa?</p> <p>E: É. Porque, normalmente, nós vamos todos para o mesmo serviço.</p> <p>e: É destas pessoas que o Pedro se sente mais próximo?</p> <p>E: É. Eles, por acaso, até calhou muito bem o horário, porque tenho o A que é um amigo, tenho o B, que é uma pessoa, se tenho alguma dúvida, alguma coisa, ou até se me apetecer conversar, posso conversar com ele, tenho qualquer dúvida acerca do trabalho, sei que posso confiar no que ele diz, está correcto e pronto, se calhar por causa disso dou-me muito bem com ele.</p> <p>e: Quem são os seus colegas de trabalho?</p> <p>E: São todos. Todos nós trabalhamos para o mesmo!</p> <p>e: Todos daquele sector, é isso?</p> <p>E: Sim. (...)</p> <p>e: Fora aqui do trabalho costuma encontrar-se com os seus colegas?</p> <p>E: Às vezes.</p> <p>e: Fazem o quê, vão sair, vão tomar café?</p> <p>E: Às vezes vamos jogar pingue-pongue, às vezes lembramo-nos e vamos beber um copo à noite.</p> <p>e: E com quem é que costuma almoçar?</p> <p>E: Com o A e com os meus colegas que estiverem no turno, no turno comigo. Sou eu e o A, se estivermos nós só naquele turno e quando está o B e o C é mais esses dois.</p>	<p>e: Em termos das pessoas, quem são as pessoas com quem tem de trabalhar, directamente, todos os dias?</p> <p>E: Trabalho sozinho e com o meu chefe.</p> <p>e: E quais são as pessoas com quem costuma conversar e conviver mais na empresa?</p> <p>E: Normalmente, são os colegas dos quais me encontro rodeado. Então, para lhe explicar melhor, é assim: nós encontramos muito à hora do almoço.</p> <p>e: Com quem é que costuma almoçar?</p> <p>E: Eu e um colega que estamos a fazer o mesmo serviço. Então eu e esse colega, normalmente, fazemos o mesmo serviço; eu almoço com ele e almoço com os outros dois colegas que fazem um serviço completamente diferente, não tem nada a ver com as cubas de poste. Um está no serrote, e outro é aquele moço, que está a fazer os bordos. Sempre os 4! Já há uns anos, há uns anitos.</p> <p>e: Estava-me a dizer com quem é que costuma conversar e conviver. É com eles?</p> <p>E: Normalmente é mais com esses. Nós durante o dia, durante as horas de trabalho, normalmente não temos grandes hipóteses de poder conversar. É só à hora do almoço. A hora de almoço não é uma hora, é pouco mais de meia hora, e às vezes nem isso é, porque, por qualquer razão, se houver um atraso na cantina, nós já não temos meia hora, temos só 20 minutos, 25. Poucas coisas se conversam. (...)</p> <p>e: E fora das horas de trabalho, costuma encontrar-se com colegas de trabalho?</p> <p>E: Temos alguns encontros, bons encontros, bons momentos passados.</p> <p>e: O que é que fazem?</p> <p>E: Confraternizações, almoços, umas partidinhas de bilhar, umas conversinhas, enfim temos... Tenho também bons colegas extra-Electro, que já por cá passaram, que já cá não estão. Uns, porque rescindiram, outros, por outras razões, mudaram-se para outras empresas... E tenho boas amizades, mesmo fora da Electro, com alguns colegas que já cá não estão, que por já cá passaram.</p>

Interação com os pares

A consolidação das relações ao longo do tempo

As dinâmicas de interacção mais importantes para os entrevistados têm lugar no interior da equipa onde exercem a sua actividade. E não são impermeáveis ao tipo de relacionamento que os entrevistados estabelecem com esse mesmo espaço. Assim, Pedro mostra-se extremamente crítico face aos modos de organização de trabalho e aos perfis de liderança predominantes, rodeando-se apenas dos colegas que

partilham das suas posições e com quem é possível conversar. Já António, embora teça algumas considerações acerca do actual funcionamento da secção, não assume uma postura tão crítica e esta não condiciona as relações e as dinâmicas de interacção que mantém ao longo dos anos.

Prosseguindo uma breve reflexão sobre os discursos dos entrevistados, é notório que os sujeitos utilizam diferentes recursos discursivos para se posicionarem. António exercita a sua capacidade para contar histórias, especialmente nos momentos em que tem um posicionamento mais crítico face às temáticas em questão. Trata-se, provavelmente, de um recurso que utiliza com vista a amenizar a sua opinião e a salvaguardar-se, na medida em que, ao manifestar as suas perspectivas indirectamente, através das referidas histórias, sente que não se compromete totalmente. “Quem” fala é a situação relatada e não ele. Resta sempre uma margem de interpretação do seu discurso, que recai na entrevistadora. Por seu turno, Pedro exprime-se de um modo sequencial, lógico e argumentativo. Manifesta as suas opiniões de forma clara sobre as diferentes temáticas e explica o seu posicionamento face a elas, procurando transmiti-las da forma mais verídica possível, comprovando com factos. Procura, deste modo, conferir um cunho de objectividade às suas respostas.

3.2.3. As manifestações de ligação à profissão: o domínio de uma arte e a simples execução

A questão da profissão constitui um elemento claro de distinção valorativa entre os dois sujeitos, visível em formas e manifestações de identificação com orientações descoincidentes.

A actividade de trabalho de Pedro caracteriza-se, no seu entender, por uma relativa simplicidade de execução, ainda que ele aposte no aperfeiçoamento permanente das respectivas modalidades e procedimentos de execução. Já António descreve a sua profissão como uma arte e estabelece uma relação de identificação com o produto que fabrica, no qual investe o seu saber.

Esta percepção diferenciada dos sujeitos não é descoincidente da análise que realizámos sobre o grau de complexidade das actividades de trabalho. De facto, a actividade de trabalho desempenhada por Pedro é claramente mais simples do que a efectuada por António. A isto acresce, ainda, o facto de António, no âmbito da sua actividade de montagem e soldadura, realizar, na íntegra, os três principais conjuntos

de acções que ela contempla: montagem, soldadura e controlo de qualidade de um subproduto, isto é, uma cuba de poste.

Pedro desempenha uma actividade de trabalho de reduzido grau de complexidade, mas detém uma qualificação escolar de 12 anos, a qual se traduz numa sobrequalificação do sujeito relativamente ao trabalho que desempenha. Podemos, assim, afirmar a existência de uma descoincidência entre a qualificação do posto de trabalho e a do trabalhador. Este manifesta um horizonte de expectativas que ultrapassa a situação de trabalho actual e alguma alienação perante o conteúdo das operações, consubstanciado na montagem de peças, provenientes de fases localizadas a montante da fase do processo produtivo que realiza. Todos estes factores permitem-nos compreender o empenho do sujeito no aperfeiçoamento dos modos de produzir e não tanto no produto em si, assim como na prossecução dos estudos com vista a uma progressão profissional, como já tivemos oportunidade de referir. Para António, a sua profissão define-se pelo que produz, logo, uma das suas vias de identificação, neste domínio, constitui a materialidade do seu trabalho, concretizada no produto. É curioso notar que o indivíduo refere, orgulhosamente, o facto de o resultado do seu trabalho – as cubas de poste de electricidade que se podem encontrar, mais frequentemente, em aldeias e vilas – poder ser apreciado por qualquer cidadão comum, adquirindo, deste modo, visibilidade pública.

A descoincidência das manifestações de identificação neste domínio está, de igual modo, patente no significado que os sujeitos atribuem ao trabalho. Para Pedro, o trabalho parece cumprir uma finalidade, essencialmente, instrumental, na medida em que associa o seu significado à contrapartida pecuniária que este lhe proporciona. Exprime, deste modo, valores extrínsecos. Já António, quando questionado acerca do significado do seu trabalho, invoca argumentos que evidenciam uma relação afectiva com a actividade profissional, afirmando que a aprecia e, inclusivamente, o fascina. É o carácter intrínseco do trabalho que assume, aqui, centralidade. Pedro valoriza, ainda, o trabalho por favorecer as relações de convívio num núcleo restrito de colegas.

Ambos os entrevistados se consideram preparados para o correcto desempenho das suas funções, embora Pedro manifeste alguma necessidade de aprofundar os seus saberes relativamente a alguns componentes com que trabalha. António, por seu turno, não identifica qualquer fase do processo de trabalho que não domine ou que desconheça. A concretização de bons resultados no desempenho da actividade de trabalho é motivo, para ambos, de satisfação intrínseca e, opostamente, a sua incorrecta execução é motivo de insatisfação. Todavia, para Pedro, a atitude de

insatisfação é acompanhada pela manifestação de uma predisposição para a correcção dos erros, o que poderá estar relacionado com a valorização de práticas de aprendizagem. Estas têm uma concretização real na aquisição, em entidades formadoras externas à empresa, de outro tipo de saberes, com vista à mudança da sua trajectória, mesmo no domínio profissional.

O último vector analítico abordado na identificação com a profissão é relativo aos processos de classificação social. Em primeiro lugar, analisámos dois tipos de classificações sociais com uma eficácia ideológica assinalável. Estamos-nos a referir aos vocábulos “competência” e “operário”, relativamente aos quais aferimos o posicionamento dos sujeitos. Em segundo lugar, questionámos os sujeitos relativamente ao grau de adequação das actividades de trabalho que desempenham à classificação da profissão.

A competência é positivamente avaliada por ambos os entrevistados, que se declaram como “competentes”. Trata-se de manifestações particularmente associadas a qualidades pessoais, tais como a responsabilidade e a autonomia, mas também, no caso de Pedro, à detenção de saberes formais, o que se associa à valorização do domínio cognitivo do processo de trabalho.

Ambos os entrevistados se consideram operários. Todavia, efectuem uma apropriação diferenciada do vocábulo. Encontra-se presente no discurso dos dois trabalhadores uma certa identificação da designação operário com a acção de execução, de transformação da matéria-prima. Mas, se Pedro afirma, assertivamente, que se considera um operário, já António necessita de justificar e enaltecer esta designação para, então, se auto-classificar como operário. Pensamos que o posicionamento deste trabalhador se poderá compreender se atendermos aos seus projectos (passados, presentes e futuros) de progressão profissional: para António, assumir-se como operário corresponde a uma forma de identificação que resulta de uma socialização efectuada ao longo do tempo e que ele sente necessidade de dignificar. O seu discurso deixa transparecer um cunho valorativo e mesmo afectivo, que é evidente na associação que efectua do operário a um artista. Ser operário não é, apenas, executar, mas construir obras, mérito exclusivo de quem domina uma arte profissional. Já para Pedro a auto-identificação como operário reveste um carácter transitório, porque pretende vir a desempenhar outro tipo de funções asseguradas por aqueles que poderíamos designar mão-de-obra indirecta.

A adequação entre o conteúdo da actividade de trabalho e a classificação da profissão opõe, também, as manifestações dos dois sujeitos. Enquanto que, para

Pedro, essa adequação não se verifica, pois a sua designação profissional – de electricista – é bastante mais lata do que as actividades que, efectivamente, desenvolve, António, inversamente, manifesta uma convergência plena entre o conteúdo da sua actividade de trabalho e a classificação da sua profissão. Atentando, ainda, num indicador adicional, a posse de carteira profissional (elemento de distinção e valorização simbólica da profissão), constatamos que Pedro não possui carteira profissional, nem manifesta intenção de a adquirir, ao contrário de António, que a detém, exteriorizando algum orgulho pelo facto.

Os extractos das entrevistas que, seguidamente, apresentamos, são elucidativos do que acabámos de explicitar.

Quadro 10.4

Extractos ilustrativos das manifestações de identificação com a profissão

	PEDRO	ANTÓNIO	
<i>Valores extrínsecos</i>	e: Que significado tem para o Pedro o seu trabalho? E: Ganhar dinheiro e aprender alguma coisa! E o convívio.	e: Em termos de significado do trabalho, que significado tem para o Sr. António o trabalho? E: Para mim, pessoalmente, aquilo que eu faço , primeiro de tudo, é uma actividade que eu desenvolvo que me fascina, portanto, eu sempre... Pronto, acho que neste momento, para mim, a soldadura, o tipo de soldadura que desenvolvo aqui, não tem segredos nenhuns, estou perfeitamente à vontade. Dentro do campo da soldadura, aí é capaz de haver outras situações de soldadura que eu ainda não conheço, porque se eu tivesse possibilidades, se eu tivesse oportunidades de conhecer, aí eu gostaria, gostaria de desenvolver. Pronto, do trabalho que eu faço, acho que para o mercado que ele está vocacionado, acho que é um trabalho que tem o seu grau de apreciação, tem o seu grau de importância. Não sei...	<i>Valores intrínsecos</i>
<i>A importância da interacção</i>	e: O que é que mais aprecia? E: O convívio com os colegas. e: E o que é que menos aprecia? E: Prepotência! Do chefe e às vezes, a tal falta de camaradagem de alguns colegas, que cai mesmo mal. Chegarmos aí de manhã e vemos assim o serviço, vê-se mesmo que foi para não fazerem aquele determinado serviço que passaram à frente e depois até nos vai dar mais trabalho fazê-lo, porque eles não o quiseram fazer. E os chefes não ligam a isso.	e: O que é que mais aprecia no seu trabalho, na sua profissão, no emprego que tem, o que é que mais aprecia? E: A serralharia em si. É uma actividade, que tem uma arte. Eu acho que essa arte é importante. e: O que é que menos aprecia no seu trabalho ou emprego? E: É o facto de, por muito cuidado que eu tenha, à segunda-feira eu trago uma roupa lavada, e ao fim do dia, ela está suja. Isso é o que me desgosta mais. É uma actividade que, por muitos cuidados que nós trabalhadores, serralheiros, ou soldadores, nós tenhamos nunca é suficiente. É sempre uma actividade suja.	<i>A importância da arte profissional</i> <i>A sujidade incorporada na profissão</i>

	PEDRO	ANTÓNIO	
		Isso é o que me desgosta mais um bocadinho. Desgosta-me, por exemplo, chegar à cantina e sentar-me numa cadeira e vejo colegas meus, não da mesma profissão, colegas, principalmente senhoras, que, antes de se sentar, têm o cuidado de trazer um guardanapo lá de dentro para limpar a cadeira, porque correm o risco de, se trouxerem roupa mais clara, se sujarem.	
<i>A ligação ao trabalho por intermédio da interação</i>	<p>e: Dentro de tudo que faz, ou que fez até agora, o que é que mais gosta de fazer?</p> <p>E: O que é que mais gosto? Se calhar gostei, gostei de montar fases.</p> <p>e: Porquê?</p> <p>E: Gostava da companhia.</p> <p>e: Gostava do seu colega de trabalho?</p> <p>E: Sim, dos colegas.</p> <p>e: Mais do que gosta agora?</p> <p>E: Não, mais não, mas pronto. Mas, eu convivia só com um número restritos de colegas, que era o A e o B e, pronto, as nossas conversas era dentro daquilo que eu gosto de falar e, pronto, dava-me muito bem com eles. E o serviço rola...</p> <p>e: Gosta do seu trabalho?</p> <p>E: Não gosto muito.</p>	<p>e: De tudo o que fez, em termos de trabalho, aqui na empresa, desde que começou até hoje, o que é que gostou de fazer?</p> <p>E: Gosto muito das cubas de poste.</p> <p>e: E o que é que menos gostou, ou menos gosta?</p> <p>E: Trabalhos assim... Não tenho assim nenhum que tivesse desgostado muito.</p>	<i>A ligação ao trabalho por intermédio do produto</i>
<i>Desadequação da classificação profissional</i>	<p>e: Acha que é electricista montador? Qual é o melhor designação da sua profissão?</p> <p>E: Acho que é montador. Electricista acho que não se adequa bem...</p> <p>e: Não? Porquê?</p> <p>E: Nós ali em baixo não somos electricistas. Não se adequa, porque eu não percebo nada daquilo, eu sei é trabalhar, eu sei é executar, eu tenho o trabalho decorado. Eu tenho o trabalho decorado. Eu não sei o que é que estou a fazer. Eu não tenho bases de electricidade nenhuma. Eu estou ali, nós estamos a trabalhar com uma máquina muito complexa, a montar uma máquina complexa e eu não sei o que é que estou a fazer. Eu sei que estou a montar, tenho que ter cuidado com isto, com aquilo e com aquilo, pronto e executo dentro das coisas que me ensinaram.</p> <p>(...)</p> <p>e: Acha que o nome da sua profissão, de electricista montador ou de montador, está adequada ao trabalho que faz?</p> <p>E: A minha categoria é operador especializado de segundo ano. Agora penso que este mês é que vou ser montador e reparador de máquinas eléctricas, mas só no dia 28 é que sei.</p> <p>e: E essa designação, de montador, da sua profissão, está adequada ao trabalho que</p>	<p>e: E o Sr. António trabalha sozinho, em equipa?</p> <p>E: Neste momento estou sozinho. Embora pertença a uma equipa de colegas que fazemos todos o mesmo trabalho, que é as chamadas cubas de poste. Nunca reparou, por exemplo, ao passar numas aldeolazitas, nas cidades não se vê, mas nas vilas já se vê, aquelas cubazinhas de postes, postes de electricidade, eu faço isso.</p> <p>e: O Sr. António faz as cubas do poste? Mas faz tudo, os lados, a tampa?</p> <p>E: Tudo. Só não equipo o que diz respeito à parte eléctrica.</p> <p>e: Portanto, também ensaia...</p> <p>E: Também ensaio.</p> <p>e: Solda, ensaia...</p> <p>E: Monto, soldo e ensaio. Ponho-a pronta a ir para a pintura, depois da pintura segue para os enchimentos de óleos e meter aquelas coisas lá dentro, o miolo, que é aquela parte eléctrica, mas parte de serralharia eu executo o trabalho desde que começa até que acaba.</p> <p>(...)</p> <p>e: Pronto, voltando à profissão: pensa que o nome da profissão, serralheiro soldador, é adequado ao trabalho que faz?</p> <p>E: É, porque para ser soldador... há soldadores que são exclusivos, que só</p>	<i>Adequação da classificação profissional</i>
<i>Desafeição à profissão</i>			<i>Relação afectiva com a profissão: a "arte"</i>

PEDRO	ANTÓNIO
<p>faz?</p> <p>E: É, eu faço reparações e monto os transformadores.</p> <p>(...)</p> <p>E: Não é bem isto que eu quero, mas para já. Agora o que tenho que fazer é fazer por mudar. Já que ninguém muda por mim, tenho que ser eu a mudar.</p>	<p>soldam, que não é o meu caso. Eu desenvolvo as duas vertentes, serralheiro e soldador.</p> <p>e: O que é que distingue a sua profissão das outras que há aqui na divisão?</p> <p>E: Para além de ser um serviço muito mais sujo, digamos assim, acho que, sem ela, as outras todas não tinham razão de ser. Estão todas em complemento, a secção do TI cá de cima não dispensa a secção do TI lá de baixo, é isso.</p> <p>(...)</p> <p>e: O que é para o senhor ser serralheiro?</p> <p>E: Ser serralheiro é uma arte para a qual alguma coisa no meu íntimo me disse que eu teria um certo jeito, e eu desenvolvo, dentro dos meus conhecimentos. Faço o melhor que sei, e acho que é uma arte a que se tem que dar o devido respeito, porque, sem ela, muitas coisas não funcionariam. É isso, fundamentalmente.</p>
<p><i>Simplicidade da actividade</i></p> <p><i>Predisposição para a aprendizagem</i></p> <p>e: Pensa que os conhecimentos que tem estão adequados ao trabalho que faz?</p> <p>E: Eles servem para executar o meu trabalho, para, para cumprir as exigências do trabalho, mas acho que deveria saber mais sobre transformadores.</p> <p>e: Mas então, tem que se ter algum tipo de conhecimentos? De electricidade diz que não tem de ter, mas tem que ter outros?</p> <p>E: Claro. Sobre respeitar o plano, respeitar principalmente, as distâncias, ter cuidado não esforçar as pontas, porque podemos fragilizar o cobre e até partir ao mínimo esforço e entre outras coisas. Mas são tudo coisas que se aprende ali facilmente.</p> <p>e: Quanto tempo é que acha que precisa para aprender?</p> <p>E: Ainda não aprendi tudo! Estou sempre a aprender. Aquilo até se aprende com relativa facilidade, depois é preciso é o chefe nos dar oportunidade para pormos em prática o que aprendemos. Para depois vemos realmente as dificuldades e pronto.</p> <p>e: Mas se o trabalho é assim tão simples como é que estão sempre a aprender?</p> <p>E: Há sempre coisas novas a aprender. Há sempre truques que estamos a aprender. Há sempre formas de nos esforçarmos menos e fazermos melhor o serviço.</p> <p>e: Costuma experimentar novos métodos de trabalho?</p> <p>E: Sim, tento sempre. Eu, por exemplo, eu acabo um trabalho ou estou a executar um trabalho, vejo por exemplo (eu tenho muito esse hábito de fazer com o A), eu quando o</p>	<p><i>Domínio da actividade</i></p> <p><i>Importância da pertença a um grupo profissional</i></p> <p>e: Pensa que os conhecimentos que tem são adequados ao trabalho que faz?</p> <p>E: Estão.</p> <p>e: Pensa que só alguém com a sua profissão é que poderia fazer o seu trabalho?</p> <p>E: Tem que ser serralheiro, tem que ser, quer dizer, aquele tipo de actividade é mesmo de serralharia, aquilo não tem outro nome, outra classificação.</p> <p>(...)</p> <p>e: Se eu lhe pedisse para acabar estas frases, o que é que lhe sugere?</p> <p>E: Nós os serralheiros somos uns artistas.</p> <p>e: E os electricistas?</p> <p>E: Os electricistas são, talvez os mestres. Os mestres não, talvez os sábios.</p> <p>e: E os soldadores?</p> <p>E: Os soldadores são, eu acho que são, fazendo fé àquilo que eu faço, acho que são uns excelentes mestres, puxando um bocadinho a brasa à minha sardinha, porque, é mesmo do coração que digo, ao longo da minha vida de trabalho tenho tido alguns prejuízos financeiros por levar a sério aquilo que faço, porque faço mesmo com o coração, quer dizer, faço, sinto aquilo que estou a fazer, faço com vontade de fazer. Digo-lhe isto de coração, que me tira horas de sono, eu estou em casa, a dormir e durante a noite acordo e estou a pensar naquilo que deixei por fazer e que amanhã vou dar continuidade.</p>

	PEDRO	ANTÓNIO	
	<p>vejo: "ó A vê-me como é que está isto, critica o meu trabalho, diz o que é que eu podia fazer melhor". Eu muitas vezes digo-lhe isto: "diz-me o que eu podia fazer melhor, em que é que poderia melhorar este trabalho? Eu estou a fazer desta forma, achas que é a mais correcta?" Eu faço muitas vezes essa questão, ponho muitas vezes essa questão.</p>		
<i>A não materialização da classificação profissional</i>	<p>e: O Pedro tem carteira profissional? E: Não.</p>	<p>e: Tem carteira profissional? O que é que a carteira especifica? E: Tenho. Especifica que sou serralheiro oficial de primeira categoria.</p>	<i>O marcador identitário da profissão</i>
<i>Lazer educativo</i> <i>Projectos de progressão profissional</i>	<p>e: Para além do seu trabalho, acha que está preparado para fazer outras tarefas? E: Estou. e: Quais? E: Eu estou a tirar um curso de <i>autocad</i>. e: Aqui na empresa? E: Não, no exterior. e: Por sua iniciativa? E: Por minha iniciativa. Vou finalizá-lo no mês que vem, em Fevereiro. Eu tenho formação em desenho, eu tenho o curso de mecânica, em que estudei desenho técnico, tenho bases de desenho, de projecção. e: Tem um curso de mecânica, como assim? E: O meu curso é mecanotecnica e: Isso corresponde ao 9º ano ou ao 12º? E: 12º ano. Fiz o 10º, 11º de mecânica, depois o 12º ano. Estou a finalizar um curso de <i>autocad</i>, que é desenho por computador. Há uns meses atrás houveram colegas meus que não tinham conhecimentos nenhuns de desenho, nem conhecimentos de <i>autocad</i> e foi-lhes dada a oportunidade, por exemplo, de ir trabalhar aqui para o projecto. Pronto e se eles são capazes, eu acho que também sou capaz. e: Com que objectivo é que foi tirar o curso? E: Pronto, para já, para não parar. E talvez conseguir um dia que haja uma vaga, talvez me darem a oportunidade, que eu fui entrevistado para o lugar.</p>	<p>e: Para além do trabalho que faz, o Sr. António acha que está preparado para fazer outras tarefas? E: Com certeza. e: Quais? E: Olhe eu já fui farmacêutico, já fui ourives, já fui pintor, já fui um bocadinho assim de coisas. e: Já foi ourives? Mas não me disse, há bocado. E: Pronto, lá está, são as tais coisas, agora é que me estou a recordar. Já aqui, na Electro, já andei a pintor, portanto, lá está, são aquelas situações de recurso, enquanto se é moço, digamos assim, percebe? (...) E: Recordo-me uma ocasião, aqui nesta empresa, puseram à venda uns electrodomésticos que eles tinham utilizado e que já estavam ultrapassados e queriam vendê-los, e propuseram aos trabalhadores: "Quem é que quer comprar um frigorífico, um fogão, uma máquina não sei de quantas". Eu na altura interessou-me um frigorífico que eles tinham e comprei. Interessou-me o frigorífico e eu comprei-o, só que o frigorífico estava muito danificado, tinha muitos pontos de ferrugem. Eu comprei-o e com a minha habilidade lixei-o nos pontos de ferrugem, pintei-o, fui eu que o pinte; e lá está, são as tais coisinhas que se fazem, mas é mesmo fazer por prazer, não tem nada a ver com a actividade profissional.</p>	<i>Lazer profissional</i>
<i>A predisposição para a aprendizagem</i>	<p>E: Como é que o Pedro se sente quando faz um trabalho bem feito? E: Claro que me sinto bem! e: E quando faz mal? E: Ora bem, quando faço mal, tento fazer o que posso para corrigir. e: Mas como é que se sente?</p>	<p>e: Como é que o Senhor se sente quando faz um trabalho bem feito? E: Ai sinto-me bem, sinto-me bem, só não me sinto bem quando tenho que reparar alguns que são feitos fora, iguais ao meu, e vêm mal feitos, e sou eu que tenho de os reparar. A empresa paga a peso de ouro</p>	<i>O brio profissional</i>

PEDRO	ANTÓNIO
<p>E: Sinto-me muito mal, claro. Mas não é normal. Eu nunca deixo o trabalho ser mal feito, porque eu quando não sei o que estou a fazer, tento arranjar, tento chamar, tento falar com o meu colega, ou o mais velho ou o mais novo, se eles estiverem e corrigir com eles, pedir-lhes uma opinião.</p>	<p>trabalhos feitos fora. Ainda agora, por exemplo, acabei de chegar aqui vindo de lá de baixo, da secção, e o chefe deu-me a notícia: "ó pá, tem paciência, vais ter que reparar isto assim, assim". Serviços que não são feitos por nós, e que são iguais ao nosso, iguais em feitio, em qualidade não, nem para netos, e a Electro paga a peso de ouro feito lá fora, e nós aqui ainda temos de lavar a cara, digamos assim, para que o cliente não tenha muita razão de queixa.</p> <p>e: E quando faz mal?</p> <p>E: Quando faço mal, sinto-me muito mal, isso não há dúvida nenhuma. Posso-me gabar de que não são muitas vezes. Como já disse há bocadinho, tive sempre essa faculdade, de não fazer muito, mas o que fazer, fazer bem feito. Tive sempre esse cuidado. E espero manter, embora contra tudo e todos, que, como deve calcular, é muito difícil trabalhar assim nesta casa. Agora não será tanto, neste momento, mas já foi.</p>
<p>e: E o que é para si ser uma pessoa competente?</p> <p>E: É uma pessoa muito responsável e uma pessoa que saiba o que está a fazer.</p> <p>e: Considera-se uma pessoa competente?</p> <p>E: Dentro dos meus conhecimentos, sim.</p>	<p>e: E o que é para si ser uma pessoa competente?</p> <p>E: Competente, desde que desempenhe as suas funções para a qual está destinado, que as desempenhe e que não dê muitas, pronto, que não tenha de se socorrer muitas vezes da chefia para trabalhar, para desenvolver o seu trabalho. Há que dar valor a uma pessoa assim, tem competência uma pessoa que o chefe entrega-lhe o trabalho, ele faz, começa e acaba, e não o aborrece muitas vezes.</p> <p>e: Considera-se uma pessoa competente?</p> <p>E: Acho que sim. Embora com muitas dificuldades, às vezes. Quem as não tem, não é? Mesmo com 30 e muitos anos de profissão, andamos sempre a aprender, temos sempre muito para aprender. Temos mesmo muitas necessidades, e eu, particularmente, tenho algumas dificuldades. Muitas vezes socorro-me dos meus colegas e fico muito agradecido por isso, fico muito satisfeito quando me vêm perguntar qualquer coisa. Tenho exemplos de colegas que eu considero muito superiores a mim na arte, porque trabalham há mais anos e eu fico cheio de vaidade quando um colega meu me pergunta alguma coisa.</p>
<p>e: O Pedro considera-se um operário?</p> <p>E: Eu sou um operário.</p> <p>e: O que é ser um operário?</p> <p>E: Ser um operário é trabalhar a matéria-prima, é montar as coisas, é mão-de-obra directa, é executar.</p>	<p>e: O Sr. António considera-se um operário?</p> <p>E: Sim, acho que não é nenhum desprimor.</p> <p>e: O que é para si ser um operário?</p> <p>E: Ser operário... Eu cheguei a uma altura na vida em que não gostava de ser tratado como operário. Numa altura da vida em que,</p>

Competência é responsabilidade e saber

Competência é autonomia

Operário: mão-de-obra directa

Operário: artista

PEDRO	ANTÓNIO
<p>e: Portanto um engenheiro, por exemplo, não é um operário. E: Penso que não.</p>	<p>aqui, dentro da empresa, discutia-se assim, alguns assuntos, e eu dizia: "Eu sou o funcionário 2002", funcionário! E houve uma ocasião, alguém que me disse: "funcionário não, operário". E aquilo ficou-se assim, caiu-me assim um bocado mal. Foi um indivíduo de manga-de-alpaca e de cartola cá dentro, que me disse isso. e: Mas então o que é ser um operário, para si? E: Hoje não, eu hoje acho que um operário que é, tem o seu valor, deve ser visto como tal, não é nenhum desprimor. (...) Hoje olha-se para uma mulher de limpeza, uma senhora da limpeza, com uns olhos completamente diferentes daqueles com que se olhava há 3, 4 ou 5 anos atrás. Hoje dá-se muito valor a uma senhora da limpeza, é uma profissão tão nobre como outra qualquer. Há meia dúzia de anos atrás, não se via uma senhora da limpeza desta maneira, como eu estou a dizer; via-se uma senhora da limpeza, é uma senhora da limpeza. Hoje não é bem assim. Hoje um operário é visto, estou convencido, com olhos completamente diferentes do que eram vistos há meia dúzia de anos atrás. É um artista, um operário é um artista, tem que ser considerado como tal. Falo por mim, quando me dizem o contrário eu fico magoado, melindrado, mesmo melindrado.</p>

A identificação com a profissão é talvez a dimensão em que os entrevistados se opõem mais nitidamente, o que se encontra relacionado com a prática. A profissão assemelha-se a uma arte, para António, que manifesta, mesmo, orgulho em ver o seu trabalho fora do contexto de fábrica, isto é, um produto que tem uma utilidade concreta. Para Pedro, a relação com a actividade de trabalho, para além de assumir alguns traços instrumentais, constitui uma etapa do seu percurso profissional, que perspectiva como diferente. Neste sentido, o sujeito valoriza outras dimensões do seu trabalho, como é o caso do convívio com os colegas.

A análise dos discursos produzidos pelos entrevistados neste ponto permite-nos reafirmar o que já referimos anteriormente e avançar um pouco mais no que diz respeito ao respectivo enfoque. Verificamos, assim, que Pedro produz, tendencialmente, um discurso mais auto-centrado do que António. Ou seja, Pedro narra a sua história, assumindo-se como o seu protagonista, raramente evocando episódios em que não desempenha um papel importante. António, por seu turno,

aparece mais como um protagonista integrado num colectivo profissional, pelo que invoca outros sujeitos e situações, o que se traduz num certo descentramento do seu discurso.

3.2.4. Para além do espaço social do trabalho: Pedro e a dedicação à aprendizagem/ António e a fruição de actividades de lazer

Uma das propriedades das opções teórico-metodológicas assumidas neste capítulo, consubstanciadas num ensaio analítico centrado nos discursos de dois entrevistados, consiste na possibilidade em reabilitar dimensões importantes presentes nas entrevistas, que não são enquadradas nas categorizações previamente construídas, precisamente, por serem relativas, de forma mais vincada, à singularidade de cada sujeito. Torna-se agora possível concretizar o que se nos afigurou inviável no tratamento dos discursos de 50 indivíduos.

Trata-se de dimensões, de certo modo, direccionadas para o futuro, que ultrapassam o espaço social do trabalho, mas que são imprescindíveis para compreendermos as formas e manifestações de identificação dos entrevistados. Registe-se, a este propósito, a observação de Elias, acerca do seu trabalho histórico-sociológico sobre Mozart. "Para compreender um ser humano tem de se saber quais são os desejos dominantes que anseia ver realizados. O sentido da sua vida para si próprio depende de conseguir realizá-los, ou de até que ponto consegue realizá-los. Mas estes desejos não se instalam nele antes de toda a experiência. Vão-se formando desde a primeira infância, a partir da convivência com outras pessoas, e vão-se fixando progressivamente na sua forma determinadora de vida, com o correr dos anos, ou por vezes também repentinamente em relação com uma experiência particularmente incisiva. Sem dúvida que as pessoas não estão muitas vezes conscientes dos desejos dominantes que dirigem as suas decisões enquanto tais. Também não depende apenas delas se esses desejos são concretizados e até que ponto o são, já que eles visam sempre outros, o entrelaçado social com outros. Quase todas as pessoas têm rumos fixos de desejo que se mantêm no âmbito da possibilidade de realização; quase todas têm alguns desejos profundos que são simplesmente irrealizáveis, pelo menos com o conhecimento disponível" (1993b, p. 13-14).

As modalidades de apropriação, por parte dos sujeitos, dos espaços extra-actividade de trabalho são divergentes. Constatamos que, para Pedro, os desejos de

mudança e de transformação do seu percurso profissional (bem vincados durante toda a entrevista) se estendem ao espaço de lazer. De facto, o sujeito deposita grande parte das suas expectativas de mudança profissional na prossecução dos estudos e, conseqüentemente, na acrescida aquisição formal de saberes. Trata-se de uma estratégia definida e delineada cognitivamente pelo sujeito que concretiza a sua prática futura na frequência do ensino superior em horário pós-laboral. Pensamos que a insatisfação com a actividade de trabalho que actualmente desenvolve, aliada às suas expectativas de progressão no interior da empresa (nas quais acredita, pois já presenciou casos análogos de outros trabalhadores), são dois factores que, conjugados entre si, fomentam e incentivam o desenvolvimento de actividades de aprendizagem e que perspectiva manter no futuro.

Quadro 10.5

Pedro e a trajectória educativa e formativa

e: O que é que pensa fazer no seu futuro?
 E: No meu futuro? Ora bem no meu futuro **eu penso retomar os estudos em Engenharia Mecânica.**
 e: Está a pensar tirar Engenharia Mecânica?
 E: **Estou a pensar não, vou tirar! Vou retomar. Eu vou fazer o seguinte: eu já deixei de estudar há algum tempo e vou estar um ano a assistir às aulas, se isso for possível, penso que é, e entrar, concorrer. E penso que consigo entrar. A minha média são 15 valores.**
 e: Para ser engenheiro mecânico?
 E: Sim.
 e: Aqui na Electro?
 E: Se possível.
 e: Está a pensar ficar aqui na empresa. Gostava de fazer um trabalho diferente daquele que faz?
 E: Claro!
 e: Qual era a profissão que gostava de ter?
 E: Talvez **desenhador.**
 e: Mas acha que precisa do curso de Engenharia para ser desenhador?
 E: Faz jeito.
 e: Porque é que gostava de ser desenhador?
 E: **A aula de desenho de mecânica seduzia-me, eu gostava, eu gostava imenso de estar ali, com esquadros, a desenhar as peças e tal, eu gostava disso.**
 e: Desenhava peças?
 E: Sim. Eu gostava. **Dá-me prazer! Gosto de desenhar.**
 (...)
 e: Portanto, foi fazer um curso de *autocad* por iniciativa própria. Porque é que resolveu fazê-lo?
 E: Vi num jornal lá o anúncio, **há pouco tempo tinham colegas meus sido promovidos para a parte do projecto e eu também já tinha em mente isso e pronto, lá resolvi tirar.**
 e: E qual é a opinião em relação ao curso?
 E: É muito bom. Eu gosto daquilo.
 e: O que é que acha que vão ser os contributos do curso para si? É para poder, eventualmente, ser desenhador?
 E: Sim.
 (...)
 e: Pensa continuara fazer cursos de formação?
 E: Se me for dada oportunidade, sim.
 e: É? Porquê?
 E: **Porque, mesmo que seja um curso que não nos dá nada na prática, mantém sempre a cabeça ocupada, estamos sempre a aprender, não paramos. E acho que é sempre importante saber mais alguma coisa, mesmo que essa coisa não seja aplicada directamente no nosso dia-a-dia. É sempre importante aprender.**

O caso de António é claramente diferente. Como foi referido ao longo deste capítulo, o entrevistado manifesta um elevado grau de satisfação com a sua actividade de trabalho, identificando-se, plenamente, com a profissão detida, dando como terminada a sua trajectória de progressão profissional. Por seu turno, o trabalho complementa-se com o lazer.

António refere o jogo do bilhar como a sua actividade de lazer predilecta. O sujeito nutre um forte sentimento de afeição por este jogo, o que se relaciona, de algum modo, com a empresa, pois é no âmbito da sua associação desportiva, que os trabalhadores organizam torneios de bilhar.

Também na esfera de lazer, mas numa óptica claramente distinta, nota-se a preocupação de António com a sua saúde e a intenção de a manter pela prática de actividades de desporto num ginásio. Esta atitude é explicada pelo sujeito a partir de um incidente de saúde que presenciou e que o marcou, ao ponto de rever algumas das suas posturas face à manutenção da saúde e do seu corpo. A este propósito, alguns estudos consideram que o investimento na apresentação do corpo é revelador de algumas preocupações, marcadamente contemporâneas, relacionadas com um conhecimento mais aprofundado do seu funcionamento orgânico e com estratégias de modelação e de manutenção do equilíbrio físico. A este respeito, Travillot refere mesmo que "uma das características das últimas décadas do século XX é a permanência da temática corporal, que assume um lugar central na sociedade" (1998, p. 211). Este autor realiza uma análise da evolução da relação que as pessoas cultivam com o seu corpo ao longo do século XX e constata que, actualmente, esta relação é bastante marcada pelos cânones da estética e da saúde, mediados pelas posições mediatizadas e mercantilistas da própria medicina.

Quadro 10.6

António: entre o trabalho e o lazer

E: Estou a pensar, seriamente, neste momento, ir para um ginásio, veja lá! Agora com 48 anos de idade estou a pensar ir para um ginásio. Não sei se a gente precisa ou não, é subjectivo.

Eu fumei durante 30 anos, cheguei ao fim de 30 anos senti-me muito mal, saí daqui um dia, com muitas dores nas costas e no peito, recorri a um médico, amigo da minha mulher, e ele disse-me: "ó pá, tu estás feito, tens estes pulmões mal e, para além da actividade que tens, ainda fumas, isso é complicadíssimo. Se queres um conselho, deixa de fumar. Já que não podes evitar o fumo do teu trabalho, este podes evitá-lo". Eu fumei o último cigarro antes de sair do escritório dele, dentro do gabinete, da sala de espera, fumei o último cigarro e acabou. Nunca mais fumei. Isto já lá vão uns bons 10 anos.

(...)

A minha mulher, em 91, teve um problema sério de saúde, que me pregou um grandessíssimo susto, e eu, nessa altura, fiz um teste a mim mesmo. Tinha deixado de fumar há pouquíssimo tempo e estive 24 horas no Hospital de S. João à espera de notícias dela, na sala de espera, arrasado, completamente, como deve calcular, e fiz um teste a mim mesmo: não peguei num cigarro. Mas estou convencido que nunca mais vou pegar. Acho que já fumei tempo suficiente para saber, para reconhecer que aquilo não faz bem a ninguém, pelo contrário.

E então meteu-se-me isso na ideia, uma pessoa começa a ficar assim... Ou seja, se eu estou gordo (que já não é de agora, já é de há uns anos, de facto), a falta do cigarro tem alguma coisa a ver, é capaz de ter, a falta da nicotina é capaz de ter a ver um bocadinho com a melhor, digamos, a assimilação dos produtos alimentares, e uma pessoa tem tendência para engordar. É natural que se tenha verificado isto, noto já que sou um bocadinho barrigudo e passou-me pela cabeça, sei lá... Há dois ou três dias atrás um colega meu que tem um filho que é cabo, viciado nessas coisas do ginásio, não passa um dia sem ir ao ginásio. Eu falei-lhe (é daqueles amigos do peito, eu dou-me bem com toda a gente, mas há aqueles amigos do peito, mesmo, com quem a gente pode confidenciar alguma situação, e a gente sabe que aquilo não sai dali), e ele disse: "ó pá, tem aqui um pertinho, você sai daqui, e é já aqui". E **tem-me assaltado à ideia de um dia frequentar uma coisa dessas. Ainda não lá fui, mas não vou deixar de passar por lá. Agora há uma actividade em que eu sou vidrado, se se pode aplicar o termo, que é o bilhar, não sei se conhece? É a minha paixão!** E quando posso, jogo. **Ainda há dias participei num torneio que fizeram aqui na Electro, um torneio interno, de bilhar, mas snooker.** Éramos 12 e eu fui o campeão. Embora o *snooker* não seduza muito. **O bilhar livre tem mais arte. Quem souber jogar bem livre, joga muito bem snooker. Agora quem souber jogar bem snooker, não joga muito bem livre.** Eu tive a felicidade de passar, primeiro, pelo bilhar livre, eu era fascinado pelo bilhar livre. Primeiro comecei pelo pequenino, pelo bilhar pequenino, não é? Cheguei a sair daqui e ir direitinho ao salão do Dr. Jorge Nuno Pinto da Costa, **particpei num campeonato mundial de bilhar de três tabelas.**

Eu meti férias, aqui na empresa, para ir assistir àquilo às Antas, chegava às Antas às 7 horas da manhã, não estava lá ninguém, ia levar a mulher ao emprego, ia para lá, tomava lá o pequeno-almoço para assistir aquela história. E então o Futebol Clube do Porto tinha comprado um jogador, o Sanchez, que é espanhol. E no ano em que ele foi campeão do mundo, que é um moço de 21 ou 22 anos, eu tive o privilégio de jogar com ele. Dava gosto ver jogar o gajo. Eu estava ali com o taco ao lado dele... **Não tem explicação, uma pessoa que goste daquilo é que sabe avaliar.** Tive o privilégio de conhecer grandes jogadores a nível mundial.

(...)

e: Porque é que tem esta profissão?

E: Tive o privilégio de ser eu a escolher, ninguém me impôs nada, fui eu que escolhi, porque gostava, alguma coisa me dizia que eu ia gostar, e actualmente, felizmente, posso dizer que faço o que gosto de fazer.

e: Se pudesse ter escolhido escolhia outra, ou escolhia esta?

E: Há outra, também associada a esta, talvez tenham uma ligação que é a **electricidade**. Eu estou convencido, vamos lá ver, eu acho que cada pessoa, se fizer uma auto-avaliação, digamos assim, é capaz de idealizar para aquilo a que teria jeito, possivelmente, e eu há algumas coisas na vida que me dizem que eu era capaz de ter um certo jeito: **para electricista, para serralheiro, no campo da soldadura, mais no campo da soldadura, não é da serralharia propriamente dita, fazer portões de garagem ou portões da casa, não quer dizer que não os faça, faço-os, mas pronto, não era uma actividade que me seduzisse. A soldadura é que sim, gostava de explorar outros campos dentro da soldadura. Fico fascinado ao saber que há colegas soldadores, que soldam debaixo de água, por exemplo, que há tipo soldadura que fazem as tubagens de navios, aqui em Matosinhos na doca de Leixões. Isso para mim era uma coisa que, Deus me livre, era um sonho, era, talvez o sonho que, não sei, mas se pode dizer que me realizaria. Mas era uma coisa que gostaria de experimentar fazer.**

No campo do trabalho, eram esses dois. No campo das actividades extra-trabalho, **gostaria muito de jogar bilhar, era das actividades que me seduzia, e estou convencido, nos meus sonhos pelo menos, eu acho que tinha muito jeito para tenista.** Para o ténis, não de mesa, que também já joguei. **Ténis de campo.** Eu acho que, se um dia, pegasse numa raquete de ténis, eu acho que tinha uma certa habilidade para aquilo, embora que eu nunca vi aquilo, percebe? **Nunca fui a lado nenhum ver uma competição, a não ser na televisão.** Eu tenho (não sei se tem) a TV Cabo, e quando dá ténis na TV Cabo eu sou um perdidinho. **Gosto de ver, conheço alguns nomes daqueles indivíduos famosos, o brasileiro, o outro que foi campeão do mundo. É um tipo de desporto que também me seduzia. Esse não passa de um sonho.**

Gostava de praticar mais, foi uma sugestão que eu já pus ao presidente da Associação, que é um colega meu, da mesma idade, que é o presidente dos sectores criativos da Electro, é ele o presidente. E eu já lhe sugeri isso: "ó pá, em vez de fazeres os torneios de caça, **façam um torneio de bilhar livre pá, que é muito mais criativo, tem muito mais arte.**"

A análise de dimensões relacionadas com as actividades exteriores ao espaço de trabalho é reveladora de duas posturas diferenciadas face ao tempo de lazer.

Para Pedro, o tempo de lazer é canalizado para a aprendizagem através da frequência de cursos de formação, bem como, talvez no futuro, para o ensino superior, com vista a uma mudança profissional. António revela, por seu turno, satisfação com a profissão que desempenha e aproveita os seus tempos livres para actividades de cariz

desportivo. É curioso notar que o espaço social de uma possível mudança, para António, se parece equacionar na esfera do lazer, formulando a possibilidade de vir a dedicar parte do seu tempo à manutenção do seu corpo, através do exercício físico praticado em ginásios.

4. Num contexto empresarial, dois percursos distintos: um trajecto de continuidade e um projecto de mudança

Procurámos, neste capítulo, explorar as potencialidades de uma análise sociológica a partir das trajectórias e dos discursos produzidos por dois entrevistados situados em pólos opostos no espectro das formas e manifestações de identificação no espaço social do trabalho a que esta investigação chegou. Assumimos, assim, que, se a Sociologia “se propõe a estudar o significado subjectivo da acção, a explicação desse significado exige a apreensão de um feixe de sentidos no qual se integra a trajectória da acção inteligível a interpretar” (Giddens, 1984, p. 209). Atendemos, deste modo, ao sentido do vivido atribuído pelos sujeitos, procurando articulá-lo com os constrangimentos presentes em toda a acção social, isto é, com o significado objectivo.

Como afirma Lahire, “o que determina a activação de uma disposição num determinado contexto pode ser concebido como o produto da interacção entre (relações de) forças internas e externas: relação de forças interna entre disposições mais ou menos fortemente constituídas ao longo da socialização passada (...) e relação de forças externa entre elementos (...) do contexto que pesam mais ou menos fortemente sobre o actor individual” (2002, p. 413-414). A abordagem realizada perspectiva, assim, analisar a singularidade dos sujeitos como indivíduos integrados em dinâmicas estruturais que caracterizam os diversos contextos de socialização. Cabe à Sociologia também mostrar que o social não se reduz aos aspectos colectivos, antes marca a sua presença nos aspectos mais singulares de cada indivíduo (Ibidem, p. 408). Foi o que procurámos concretizar nesta modesta incursão nas trajectórias, práticas e manifestações de Pedro e de António.

O percurso seguido neste capítulo foi orientado pela firme convicção de que é necessário apreender o sentido presente na acção social, o qual, como adverte Silva, “não está, claro, dado nos objectos, nas coisas, não lhes é inerente, mas outrossim conferido pelos homens, e estes atribuem diversos sentidos às mesmas coisas ou o mesmo sentido a coisas diversas. Só uma análise que parta dos actores e de como

eles vivem as acções conseguirá esclarecer aquilo a que os processos explicativos cujo paradigma vem da física ou da biologia não podem chegar” (1988, p. 64).

A análise desenvolvida neste capítulo permite traçar em linhas gerais as formas e manifestações de identificação de Pedro e de António no espaço social do trabalho. Baseamo-nos, tal como foi referido, nos discursos dos entrevistados, os quais diferem entre si do ponto de vista formal. Ou seja, Pedro revela-se um indivíduo com um discurso mais incisivo, utilizando frases curtas e declarativas para definir os seus posicionamentos e as suas opiniões. Recorre a argumentos, essencialmente, descritivos, faz referência a factos reais e nomeia, concretamente, as pessoas. António, por seu turno, conta histórias e utiliza metáforas, o que faz transparecer, igualmente, uma necessidade de justificar a sua postura, sempre que esta se revela um pouco mais crítica. A narração está presente no seu discurso, numa lógica de explicitação das suas vivências.

Podemos assim concluir, sem pretensões de representatividade, que os casos de António e de Pedro são ilustrativos de alguns grupos de profissionais constitutivos do mercado de trabalho em Portugal. Ambos têm uma inserção qualificante e não precária na empresa, pautada por uma estabilidade contratual. Estes traços são marcadamente determinados pela política de gestão dos RH da Electrotensão, da qual destacamos a opção de fixação interna dos trabalhadores sempre que é importante garantir o exercício de actividades de trabalho com uma pertença profissional demarcada e identificável. Todavia, esta realidade é claramente mais vincada para António, sendo a situação de Pedro fruto de contingências históricas determinadas, concretizadas em mudanças que ocorreram na direcção Transformadores de Potência, as quais implicaram a contratação de novos trabalhadores. Num raciocínio hipotético, podemos afirmar que, na actualidade, é provável que Pedro fosse contratado como trabalhador temporário, pois uma das linhas de actuação da estratégia da empresa, no momento presente, é o emagrecimento do seu efectivo e o acréscimo apenas temporário do volume de trabalhadores necessários, numa óptica de flexibilização quantitativa e funcional.

Pedro é, assim, o jovem escolarizado, solteiro e crítico face à empresa e às suas chefias directas, designadamente, por não desenvolver uma actividade compatível com as suas qualificações escolares. Perspectiva conseguir operar uma viragem no rumo da sua trajectória, apostando na aquisição de um diploma escolar ao nível do ensino superior. Mas as suas perspectivas não se equacionam fora da empresa. Apesar de estar insatisfeito com o trabalho que realiza e com o facto de não ver

reconhecido o seu desempenho, a situação que a empresa lhe proporciona é, comparativamente à situação global no mercado de trabalho, bastante satisfatória. A estabilidade permanece como requisito essencial. Neste sentido, não vislumbra encetar movimentos de mobilidade externa.

O início da vida activa é, para os jovens em geral, marcado pela tomada de um conjunto de opções, designadamente, de independência financeira face ao grupo doméstico de origem. E tal opção acaba por condicionar decisões futuras. Assim, frequentemente, a realização pessoal e profissional por via do exercício do trabalho acaba por ser secundarizada face à necessidade de garantir a estabilidade salarial e contratual. Por sua vez, a aposta de Pedro na sua trajectória educativa e formativa futura não pode ser descontextualizada das práticas da empresa no domínio da gestão do emprego e da mobilidade. Pedro aspira a vir efectuar uma actividade de concepção e planificação do trabalho. Perspectiva prosseguir, por imitação, um trajecto que outros sujeitos já trilharam no interior da empresa, o que se prende com o facto de esta privilegiar a mobilidade no mercado interno de trabalho e incentivar os indivíduos a prosseguirem os estudos com vista a uma promoção profissional. Um elemento aqui se destaca, do ponto de vista singular: a apetência de Pedro pela aprendizagem, factor motivador fundamental no delinear de um futuro alternativo ao presente. Todavia, esta motivação é condicionada pelas oportunidades que o sujeito vislumbra ter no futuro, por força da política da Electrotensão neste domínio.

Pedro ilustra, assim, o caso dos jovens trabalhadores, escolarizados, que iniciaram a sua trajectória profissional de forma mais precoce do que o que desejavam, por contingências várias, mas que, devido às condições e oportunidades oferecidas pela empresa, perspectivam prosseguir uma trajectória educativa, formativa e profissional ascensional.

António encontra-se no outro pólo. Operário altamente qualificado, marcado por uma entrada no mercado de trabalho aos 13 anos, com 6 anos de escolaridade, aos 47 anos dá a sua trajectória por estabilizada, não tendo quaisquer perspectivas de progressão, nem de mudança. A sua identificação é com a profissão e com a obra que dela resulta: a cuba de poste. Apropria-se simbolicamente do seu trabalho e enquadra-se num grupo profissional: o dos serralheiros soldadores. Por vezes, integra-se mais no dos serralheiros, de acordo com a sua carteira profissional, e denomina-os de “artistas”; outras vezes, identifica-se com os soldadores, quando os classifica como uns “excelentes mestres”, ou quando se refere, com admiração, ao trabalho de soldadura de barcos, efectuado debaixo de água no Porto de Leixões. A

sua longa trajectória não é, de todo, marcada pela passagem pela escola, mas sim pela aprendizagem concreta da profissão. Assume aqui um peso importante o sistema de trabalho de ofício, que exige a passagem por uma hierarquia de graus no âmbito de um domínio profissional. Já a perspectiva de Pedro é, claramente, a de uma carreira empresarial.

Para além do trabalho, se Pedro, por estar no início da sua trajectória, aposta na aprendizagem, António discorre longamente sobre as actividades de lazer, o bilhar ou o *snooker*, que sempre jogou. São actividades muito raramente praticadas por pessoas mais jovens, claramente aderentes aos denominados “desportos radicais” e à frequência do “ginásio”. Virtualmente, por uma questão de “culto do corpo”, António perspectiva frequentar um ginásio. No entanto, enquanto que este objectivo se manifesta no domínio do desejável, mais pela adesão a uma questão de moda do que por gosto, é claramente destacada e materializada a sua paixão pelo bilhar. À semelhança do seu trabalho, o bilhar é, igualmente, uma arte. Exige perícia, habilidade e dedicação. Assim, ainda que tendo, pelo menos, mais 10 anos de vida activa, o lazer parece, paulatinamente, ganhar espaço na sua vida.

Contrapõem-se, deste modo, dois universos marcadamente distintos: o do futuro técnico ou, caso não se concretizem as suas expectativas, o do trabalhador sobrequalificado para o trabalho que desempenha; o do operário altamente qualificado, marcado por uma vincada ligação à profissão.